

YASMIN CAROLINI LANA ALBÃO

**NO NOSSO PESCOÇO: AS PROTAGONISTAS DE CHIMAMANDA NGOZI
ADICHIE EM BUSCA DE UMA SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Natália Fontes de Oliveira

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

A326n
2022
Albão, Yasmin Carolini Lana, 1991-
No nosso pescoço: As protagonistas de Chimanda Ngozi
Adichie em busca de uma subjetividade / Yasmin Carolini Lana
Albão. – Viçosa, MG, 2022.
1 dissertação eletrônica (74 f.)

Orientador: Natália Fontes de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Letras, 2022.
Referências bibliográficas: f. 72-74.
DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.577>
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Negros na literatura. 2. Mulheres na literatura. 3. Negros
- Condições sociais. 4. Mulheres - Condições sociais.
5. Escritoras. 6. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977- -
Personagens - Mulheres. 7. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977-
- Personagens - Negros. I. Oliveira, Natália Fontes de, 1985-.
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 808.803529

YASMIN CAROLINI LANA ALBÃO

**NO NOSSO PESCOÇO: AS PROTAGONISTAS DE CHIMAMANDA NGOZI
ADICHIE EM BUSCA DE UMA SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de julho de 2022.

Assentimento:



Yasmin Carolini Lana Albão
Autora



Natália Fontes de Oliveira
Orientadora

Dedico estas páginas à Cristina Lana, minha maior incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Durante todo o processo de escrita, me perguntei diversas vezes o porquê de precisarmos usar sempre o “nós” enquanto escrevemos os textos acadêmicos. Sempre me incomodou a ideia de usar o plural quando claramente quem escrevia era apenas eu, a primeira pessoa do *singular*. Mas foi no processo de escrita que eu percebi que *eu nunca estive sozinha* (e quem está dizendo isso não sou eu, são as inúmeras pessoas que me ajudaram durante a minha longa caminhada). Foi aí que eu, tão singular, me vi *plural*.

Sem dúvidas, estas foram as páginas que mais me deram trabalho, porque pensar em agradecer é relembrar de toda a minha trajetória nos últimos anos e de cada obstáculo que apareceu pelo meu caminho; é lembrar de quem esteve ao meu lado me dando todo suporte possível, seja ele teórico, físico, mental ou espiritual. É reviver os momentos de dor, mas também sentir saudades dos momentos felizes.

Quando eu lembro o quão doloroso foi o processo, impossível não me lembrar daquela que mais me deu apoio: *minha mãe*. Eu sei, é clichê, mas realmente foi a pessoa que nunca teve dúvidas de que eu seria capaz de entrar no mestrado, assim como nunca duvidou que eu conseguiria finalizá-lo. Não tem como falar da **Cristina Lana** sem dizer o quão determinada ela é, e foi essa determinação que me deu forças pra aguentar todos os momentos difíceis. O mantra repetido por ela – e tatuado no meu braço direito – é algo que repeti nas inúmeras vezes que me vi paralisada pelo medo: “*Eu posso, eu consigo, eu sou capaz*”. Mesmo quando eu não acreditei em mim, ela acreditou. Então, sim, eu dedico a ela essa conquista, que só foi possível por meio da fé dela em mim. Quem tem uma mãe tão atenciosa, confiante, destemida, extraordinária e guerreira não precisa de mais nada. Todos vocês que virão depois dela, não fiquem enciumados, é que não seria capaz de expressar toda a minha gratidão por ela sem me demorar em um longo parágrafo.

À outra mulher da minha vida, agradeço por todo carinho e amor que recebi nos últimos anos. Foi ao lado de inúmeros recadinhos e desenhos coloridos que busquei força para ser o exemplo de irmã que eu deveria. Cazuza há de concordar comigo que é impossível falar de *todo amor que há nessa vida* sem falar da **Maria Luiza** e suas demonstrações de afeto, que me deram forças para nunca desistir.

Bom, não tem como falar da enorme caminhada sem falar do contexto vivido por nós e a enorme dificuldade que é produzir diante de uma pandemia. Por isso, agradeço imensamente ao **Igor Zortea**, meu companheiro, por todo suporte durante o período mais doloroso da minha vida. Foi ele que não me deixou procrastinar e nem acreditar que eu não seria capaz; foi ele meu ponto de equilíbrio e racionalidade em meio ao caos.

À **Natália Fontes**, minha orientadora, agradeço por nunca ter desistido de mim, mesmo quando eu mesma já havia desistido. Ter a orientação de uma mulher foi essencial para a construção da minha subjetividade, então agradeço a ela por todo conhecimento compartilhado e por toda compreensão. Eu não tenho palavras pra descrever essa parceria e não consigo imaginar minha trajetória sem ela. Costumo dizer que tive sorte do meu caminho cruzar com o dela e sou (e sempre serei) eternamente grata por isso.

Ainda no âmbito dos docentes, destaco aqui quatro que foram fundamentais, cada um à sua forma, nessa caminhada: **Gracia Gonçalves**, pela bagagem compartilhada e pelo feedback mais incrível que já vi na vida (as considerações durante a qualificação foram essenciais para construção da dissertação); **Gerson Roani**, não só por coordenar a JELL, mas também por me surpreender ainda mais com suas aulas na pós-graduação, bem como as vezes que se fez presente para me dar suporte em momentos de crise; **Ana Luísa Gediel**, pela empatia e pela força; e **Maria Carmem**, famosa MC, que mesmo não sendo da área da Literatura, fiz questão de citá-la: essa mulher incrível e multitarefas é um exemplo de força e determinação.

Ademais, agradeço a imensa oportunidade de ter participado da Comissão da JELL (2019-2021), que me encheu de bagagem e de experiências sensacionais. Em especial à **Nayana Moraes**, parceira de turma, por me ouvir tantas vezes nos momentos de surto; ao **Isac Godinho** e ao **Robson Passos** por fazerem qualquer reunião cansativa se tornar uma festa; e por último, mas não menos importante, agradeço ao **Guilherme Ramos** por ter vivido toda a experiência desde antes do início, ainda na graduação. Começamos com um amor em comum, a Literatura Fantástica, mas quis o destino que eu me aventurasse por outros lugares, mas sem perder a preciosa amizade que foi construída. Ademais, agradeço ao **Victor Passos**, meu *eu* masculino. Serei eternamente grata por tê-lo comigo, me dando apoio, compartilhando experiências e desabafos.

A palavra “processo” apareceu por aqui algumas vezes, então cabe citar outra fonte de força que encontrei durante esses últimos anos: o Coletivo Medeia, que é composto por mulheres resilientes, que me orientaram e me acolheram nos momentos mais sombrios. Dentre essas mulheres destaco três que foram importantíssimas nesse percurso doloroso: **Lise Póvoa**, nossa advogada, que soube nos amparar, direcionar, proteger e fortalecer; **Brenda Reis**, que sabe muito bem como toda essa caminhada pode ser dolorosa, por isso esteve ao meu lado me dando suporte e ouvindo meus lamentos; e **Mariana Costa**, amiga, mentora, coorientadora, e minha maior conselheira. Sem ela, meus amigos, eu estaria um caos ainda maior, confesso. Foi ela que me resgatou do poço que caí em 2019 e me ajudou a chegar na superfície, portanto não há palavras suficientes para agradecê-la por tudo que fez por mim.

Agradeço também aos meus colegas de turma: **Marina**, Nayana, **Rodrigo**, Vanessa e **Ângela**, por todas as contribuições e discussões durante as disciplinas. Se hoje eu consegui chegar aqui, em parte devo ao papel fundamental de vocês durante as etapas que antecederam a defesa.

Para além das quatro pilastras, eu não poderia deixar de agradecer aos meus alunos e aos lugares nos quais tive a oportunidade de atuar como professora, pois foram eles que direcionaram meu caminho até a linha de chegada. Não sou capaz de pôr em palavras o que é lecionar, então me limito a dizer que sem vocês eu não seria metade da profissional que eu sou hoje. Agradeço, principalmente, à minha ex-aluna **Miriã Oliveira**, que acompanhou, com expectativa, desde a aprovação do mestrado, até o momento final da escrita, trazendo leveza aos momentos de estudos e sendo companhia na biblioteca, sempre dizendo “Vai escrever sua dissertação, Yasmin” em todos os momentos em que eu perdia o foco. Ao **Daniel Valadares**, agradeço pelos momentos de riso proporcionados nos intervalos de escrita, que foram fundamentais para que eu pudesse respirar e recarregar as energias.

Não posso falar de lecionar sem citar uma das mulheres que mais admiro: **Giovana Berbert**, a personificação da excelência. Giovana é um exemplo de educadora, e posso dizer que tive o prazer de aprender com ela e sorte de ser sua amiga. Agradeço por todo apoio e todos os ensinamentos. Se eu sou a profissional que eu sou hoje, também devo isso a ela, que investiu tanto em mim.

Agradeço também, a todos aqueles que não foram aqui eternizados, porque quis a vida que nossos caminhos trilhassem destinos opostos. Gostaria que vocês

soubessem que eu reconheço a importância das contribuições feitas, ainda que não tenham sido citados.

Pluralidades à parte, eu não poderia escrever agradecimentos sem citar a pessoa que foi primordial em todo o percurso: aquela que mesmo diante de inúmeros desafios não desistiu, que tirou forças *sabe-se lá de onde* para levantar, que provou que muitos estavam errados, aquela que suportou (até hoje não sei como) passar por todas as dificuldades e superou cada uma delas: **eu mesma**. Eu não teria chegado até aqui, obviamente, sem ter me desafiado tantas vezes. Na realidade, eu não teria nem passado do processo seletivo se não fosse a minha garra e o meu empenho em ser a minha melhor versão. Fugindo totalmente do protocolo, não sinto vergonha alguma em reconhecer que mesmo com todo o apoio que tive de amigos, professores e alunos, eu jamais chegaria à linha de chegada se eu não tivesse levantado todos os dias disposta a concluir essa etapa. Se cheguei até aqui, foi porque meus orixás não desistiram de mim: Gratidão ao meu pai **Ogum**, por me manter firme e forte diante dos obstáculos e à minha mãe **Yemanjá**, por me conceder um oceano de proteção.

E o inusitado não acaba por aí: agradeço também aos meus gatos **Zeus** e **Banguela**, meus parceiros de escrita. O ato de escrever pode ser muito mais leve com um *ronron* ao lado. Então, sim, vai ter agradecimento pra gato, sim, senhor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (**CAPES**) – Código de Financiamento 001.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (**FAPEMIG**), pela concessão da bolsa de estudos e pela imensa oportunidade de mostrar ao mundo o que eu tenho a dizer.

“Escolher escrever é rejeitar o silêncio”.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

RESUMO

ALBÃO, Yasmin Carolini Lana, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2022. **NO NOSSO PESCOÇO: As protagonistas de Chimamanda Ngozi Adichie em busca de uma subjetividade.** Orientadora: Natália Fontes de Oliveira.

Nesta dissertação, analisamos os contos de Chimamanda Adichie “Réplica”, “No seu pescoço” e “A historiadora obstinada” do livro *No seu pescoço*, com foco em como as personagens femininas são afetadas pela vivência dos deslocamentos e constante ameaça de apagamento cultural inerente aos discursos que as constituem. Esta pesquisa se concentra nas experiências individuais das personagens femininas para compreender as especificidades de cada experiência e evitar essencialismos sobre a experiência das mulheres negras com diferentes tipos de deslocamentos. Assim, as personagens estão em constante busca por um entendimento de si mesmas, bem como estão inseridas em discursos carregados e embebidos de posições hegemônicas e subalternas. Nesse sentido, defendemos que as protagonistas constroem e desconstróem suas próprias subjetividades por meio da maternidade, do casamento e da amizade em um contexto diaspórico. Esses laços não são inerentemente bons ou ruins, mas em sociedades patriarcais e sexistas as personagens femininas precisam redefinir quem elas são em tais relacionamentos para lutar contra o silenciamento. As análises literárias baseiam-se nas teorizações da crítica feminista negra, da crítica literária feminista e dos estudos da diáspora. Concluímos que nos três contos, há um sentimento de esperança pela independência das mulheres quando elas moldam suas próprias subjetividades.

Palavras-chave: Escrita de autoria feminina. Diáspora negra. Subjetividade. Relacionamentos. Chimamanda Adichie. *No seu pescoço*.

ABSTRACT

ALBÃO, Yasmin Carolini Lana, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July 2022. **ON OUR NECK: Chimamanda Ngozi Adichie's women protagonists in search of subjectivities.** Adviser: Natália Fontes de Oliveira.

In this thesis, we analyze Chimamanda Adichie's short stories "Imitation", "The Thing Around your Neck" and "The Headstrong Historian" from the book *The Thing Around your Neck*, focusing on how women characters are affected by the experience of displacements and the constant threat of cultural erasure inherent to the discourses that constitute them. This research concentrates on the individual experiences of the women characters to understand the specificities of each experience and avoid essentializations about black women's experience with different kinds of dislocations and displacements. Thus, the characters are in constant search for an understanding of themselves, as well as they are inserted in speeches loaded and embedded in hegemonic and subaltern positions. In this sense, we argue that the women protagonists shape their own subjectivities through motherhood, marriage, and friendship in a diasporic context. These bonds are not inherently good or bad, but in patriarchal and sexist societies women characters must redefine who they are in such relationships to fight against being silenced. The literary analyzes are based on the theorizations of black feminist criticism, feminist literary criticism and diaspora studies. In the three short stories, there is a sense of hope for women's independence when they shape their own subjectivities.

Keywords: Women's Writing. Black Diaspora. Subjectivity. Relationships. Chimamanda Adichie. *The Thing Around Your Neck*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CAPÍTULO 1: A MATERNIDADE E OS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS	22
Considerações iniciais	22
Maternidade	24
1.1 Nkem em “Réplica”	26
1.2 Chinaza em “Os Casamenteiros”	33
1.3 Nwamgba em “A Historiadora Obstinada”	38
3. CAPÍTULO 2: APAGAMENTO CULTURAL EM UM CONTEXTO DIASPÓRICO	47
Considerações Iniciais	47
Diáspora e apagamento cultural	47
2.1 Os atos de resistência de Nkem	48
2.2 A transgressão de Chinaza	54
2.3 A obstinação de Nwamgba e Afamefuna	62
4. CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS.....	72

1. INTRODUÇÃO

No passado, a escrita de autoria feminina foi pouco inserida e comentada nos cânones literários, visto que uma literatura feita por mulheres se tornava dificultada dado o anonimato em que permanecem muitas mulheres de classes subalternas. Historicamente, a crítica literária feminista luta pelo reconhecimento de vozes literárias de mulheres e uma das maiores vozes da contemporaneidade é a Chimamanda Ngozi Adichie, que retrata em suas obras as diversas experiências de ser mulher negra em uma sociedade patriarcal e racista, na qual mulheres e suas vozes ainda hoje são marginalizadas.

Chimamanda é uma escritora nigeriana, da etnia *Igbo*, conhecida por seus romances e contos. Seu primeiro romance, *Hibisco roxo* (2003), foi finalista do Orange Prize para ficção (2004) e vencedor do prêmio de melhor primeiro livro do Commonwealth Writers (2005). Já *Meio sol amarelo* (2006), seu outro livro, venceu o prêmio de ficção do Baileys Women's Prize (2007) e o de "melhor dos melhores" da década do mesmo prêmio. Para além da publicação escrita, a autora ganhou notoriedade em suas palestras no TED talks, em 2009, quando falou sobre "O perigo de uma história única"¹, fazendo uma crítica acerca do modo como a África e as demais regiões colonizadas são representadas na grande mídia mundial. Em 2012, retornou ao TED com a palestra intitulada "Sejamos todas feministas"², na qual relatou sua experiência com o feminismo e abordou a importância de uma luta conjunta pela igualdade de gêneros.

A autora nigeriana nasceu em Enugu, em 1977, e cresceu na cidade universitária de Nsukka, no sudeste da Nigéria. Seu pai era professor de Estatística da Universidade da Nigéria e sua mãe trabalhava como secretária na mesma instituição. Quando completou dezenove anos, Adichie deixou a Nigéria e se mudou para os Estados Unidos da América. Depois de estudar na Universidade Drexel, na Filadélfia, ela se transferiu para a Universidade de Connecticut. Fez estudos de escrita criativa na Universidade Johns Hopkins de Baltimore, e mestrado em estudos africanos na Universidade Yale.

¹ "Danger of a single story" (2009).

² "We should all be feminists" (2012).

Publicado pela primeira vez em 2012, a obra *No seu pescoço*, título dado à tradução do original *The Thing Around your Neck*, reúne 12 contos de diversas temáticas, que transita por histórias de mulheres nigerianas, tecendo narrativas sobre saudade, preconceito, maternidade, mulheres em contexto de diáspora, adaptação e cultura, entre outras, com tramas que giram em torno de personagens de diferentes classes sociais. As histórias centram-se em pessoas nigerianas – sejam elas residentes da Nigéria, sejam elas emigrantes – mais precisamente da etnia *Igbo*. Nesse sentido, as histórias são ambientadas entre os Estados Unidos e a Nigéria, revelando curiosidades sobre a cultura de ambos, assim como o choque cultural vivenciado pelas personagens ao se deslocarem de seu país de origem. Essa pesquisa busca analisar três contos, “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A historiadora Obstinada”, da obra *No seu pescoço*, para investigar como as protagonistas desenvolvem suas subjetividades face aos desafios da maternidade, dos relacionamentos conjugais, das relações de amizade e ao enfrentamento do apagamento cultural que as ameaçam.

O termo “subjetividade” presente nesta dissertação é um termo bastante abordado por outros autores e elucidado pelo filósofo Donald Hall (2004), o qual defende a ideia “de que a subjetividade implica certo grau de pensamento e autoconsciência sobre a identidade”³ (HALL, 2004, p. 3). De uma maneira mais ampla, a subjetividade pode ser compreendida como o espaço onde nós, intimamente, criamos relações internas e externas, afetando, de forma singular, o nosso constituinte enquanto seres sociais, marcando as construções de valores compartilhados em nossas vivências sociais. Pretendemos, a partir dessa definição dada por Hall (2004), perceber como as protagonistas de Adichie tomam consciência de suas subjetividades.

Um breve resumo dos contos escolhidos se faz relevante para contextualizar as análises literárias abordadas nesta pesquisa. No conto intitulado “Réplica”, é narrada a história de Nkem e Obiora. Nkem, mãe de Adanna e Okey, mora “num lindo subúrbio perto da Filadélfia”⁴, nos Estados Unidos, e é sustentada por seu marido Obiora, pertencente ao clube de “Homens Nigerianos Ricos Que Mandam as Esposas

³ “that subjectivity implies a degree of thought and self-consciousness about identity”.
(Tradução Nossa)

⁴ ADICHIE, 2017, p. 31.

Terem Seus Bebês Nos Estados Unidos”⁵ e incluído, recentemente, à lista dos “Cinquenta Empresários Mais Influentes da Nigéria”⁶. Entretanto, o grande empresário optou por manter uma casa em Lagos, onde passa a maior parte do seu tempo com o intuito de estreitar as relações com os poderosos do governo nigeriano. Contudo, para a surpresa de Nkem, Obiora mantém um relacionamento com outra mulher de aproximadamente vinte anos, o qual Nkem descobre através de uma “suposta” amiga chamada Ijemamaka. Após tal revelação, a personagem se redescobre, revendo sua vida e suas atitudes dentro de um casamento a distância.

O segundo conto analisado, “Os Casamenteiros”, narrado em primeira pessoa, sob a perspectiva de Chinaza Agatha Okafor, retrata o apagamento cultural ao que é forçada a jovem Chinaza, vinda de Lagos depois do casamento arranjado pelos tios com um conterrâneo, médico residente do primeiro ano, em Nova Iorque. A ideia de morar em um paraíso americano é desmanchada, aos poucos, quando percebemos o apagamento gradual da cultura nigeriana, enquanto seu marido, Ofodile, agora conhecido como Dave, impõe seus ideais estadunidenses.

Já o terceiro conto “A historiadora obstinada”, o último da obra, conta a história de Nwamgba que, mesmo diante da imposição dos pais, escolhe o próprio marido: Obierika. A família do esposo, entretanto, é atormentada por uma maldição, e a protagonista sofre diversos abortos espontâneos até, por fim, nascer Anikwenwa, o primeiro e único filho do casal. O marido morre pouco depois e deixa Nwamgba no meio de uma disputa com a família dele: os primos do falecido reivindicam as posses deixadas. Nwamgba decide mandar o filho estudar com missionários católicos ingleses, pois assim Anikwenwa aprenderia inglês e poderia defender os direitos da mãe nos recém-estabelecidos tribunais dos colonizadores. O filho adota um nome inglês, Michael, é batizado como cristão e se rende à cultura do colonizador. Michael terá uma filha, Grace, que fará contato com a avó e buscará estudar sobre sua origem e herança cultural.

Com a escrita de mulheres protagonistas, Adichie legitima a história de muitas mulheres negras em diferentes contextos, como em *Meio sol amarelo*, em que ela conta a trajetória das irmãs gêmeas, Olanna e Kainene, antes e durante a guerra do

⁵ ADICHIE, 2017, p. 34.

⁶ ADICHIE, 2017, p. 34.

Biafra, intercalando fatos reais aos eventos ficcionais, e *Americanah* (2013), protagonizado por Ifemelu, que experiencia a Nigéria e os Estados Unidos dos anos 1990, envolvida na condição de mulher imigrante negra em um país estrangeiro. Desse modo, Alves e Souza (2018) defendem ser hoje uma das vozes do continente africano na construção de uma nova identidade, atuando

na tentativa de desconstrução dos estereótipos acerca de seu povo, escrevendo sobre a África numa perspectiva transcultural, em que as diversas identidades dos sujeitos africanos são compreendidas nas relações de alteridade, nos conflitos internos marcados pela experiência da independência e pela influência externa do neoimperialismo e da globalização (ALVES e SOUZA, 2018, p. 87).

Nos contos, a autora aborda temas contemporâneos, como a imigração e o transculturalismo. Dessa forma, suas protagonistas habitam esse lugar de encontros de culturas diferentes, sob o ponto de vista da experiência africana.

Edward Said (1996) propõe um debate sobre as imagens inventadas para representar o subalternizado, o *Outro*, conceito que “é todo agressão, atividade, julgamento, vontade de verdade e conhecimento” (SAID, 1996, p. 211). Esse é o lugar do subalternizado, não o lugar de quem fala, mas o de quem é falado por uma cultura hegemônica, afirmados, unicamente, pela existência de certos grupos sociais de supremacia branca.

Diante da demanda apresentada por Chimamanda em seus contos, que abordam diversos contextos diaspóricos, é importante trabalhar com tal conceito. Ao teorizar sobre a diáspora, Stuart Hall (2013) reflete sobre as estratégias culturais que possibilitam interrogar as relações de poder, “não podemos esquecer como a vida cultural, sobretudo no Ocidente e também em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens” (HALL, 2013, p.376). Nesse sentido, torna-se importante a discussão literária de textos diaspóricos que trazem para o centro das discussões outras experiências sociais, culturais e afetivas, como os contos analisados da autora Adichie. Seguindo a tendência nos estudos culturais, percebemos a mudança transitória das perspectivas com novas abordagens teóricas e temáticas, oportunizando um olhar sociocultural e histórico a partir de sujeitos que até então foram marginalizados da história dita “tradicional” (SHARPE, 1992).

Dando maior ênfase às questões de gênero, que também são abordadas no objeto desta pesquisa, é possível perceber sua relação com diferentes processos de opressões, apontados por Ribeiro, no prefácio à edição brasileira, do livro *No seu pescoço* (2017), em que as mulheres negras vivenciam um processo de (re)construção de uma nova “utopia”. Davis (2016) destaca que esse processo representa “[...] a luta das mulheres negras e de todas mulheres em busca de emancipação.” (DAVIS, 2016, p. 17). Dessa maneira, Ribeiro (2016, p. 12), no prefácio de *Mulheres, Raça e Classe* (2016) afirma que “analisar essa problemática tendo como base a questão de raça e classe [nos] permite fazer uma análise profunda e refinada do modo pelo qual essas opressões estruturam a sociedade”, análise essa que pretendemos realizar nesta dissertação no decorrer dos capítulos.

A partir de hooks⁷ (2019), é perceptível a importância da discussão sobre o papel das mulheres negras nas discussões feministas, pois, mesmo que elas fossem ativas no movimento feminista contemporâneo desde o seu princípio, “elas não foram os indivíduos que se tornaram ‘estrelas’ do movimento que atraíam a atenção da mídia em massa”. Era notório para essas mulheres que embora houvesse uma discussão que incluísse as questões de raça, elas “jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente” (HOOKS, 2019, p. 20), uma vez que as pensadoras reformistas optaram pela ênfase na igualdade de gênero, inicialmente, sem o recorte racial.

Chimamanda assume não apenas uma postura feminista, mas, para além disso, uma postura feminista que se entrelaça com a identidade negra e pós-colonial. Em sua obra *Sejamos todas feministas* (2015), Adichie nos conta sobre quando procurou a palavra no dicionário e se deparou com a seguinte definição: “Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos”. A autora completa dizendo que, para ela, feminista é todo homem ou toda mulher que entende a existência de um problema de gênero que precisa ser resolvido (ADICHIE, 2015, p. 49), assim, ela desconstrói a visão que opõe homens e mulheres sobre o feminismo.

⁷ A intelectual negra assume o nome de sua avó e prefere que seu nome seja escrito dessa forma, com letras minúsculas.

Além de trazer diversas discussões para as pautas feministas, a autora assume um papel importante na representatividade no que se refere às vivências das mulheres nigerianas, que ainda são submetidas aos fortes traços de uma cultura patriarcal. As mulheres apresentadas por Chimamanda nos contos, situadas no contexto contemporâneo, carregam consigo o peso da herança histórica, o que implica à mulher a difícil tarefa da desconstrução. No que tange às relações familiares marcadas pelo patriarcalismo e as violências contra a mulher, temas típicos das sociedades modernas, é importante ressaltar que o *leitmotiv*⁸ de Adichie se volta para as questões femininas e feministas, ou melhor, para as diferentes situações que permeiam as mulheres em relação ao gênero, questões essas que discutiremos a partir de Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe* (2016), em que a autora nos apresenta reflexões, para que possamos pensar a sociedade contemporânea, bem como maneiras de ressignificar o lugar e as condições sociais de mulheres negras que buscam ocupar espaços para romper com as lógicas opressoras.

O livro *No seu pescoço* (2016) dialoga com as origens da autora, filha de professor universitário e criada no campus da universidade de Nsukka, cenário de alguns dos contos contidos no livro. Com isso, Chimamanda Adichie trata das relações de poder entre colonizador e colonizado, a partir da identificação da mulher subalternizada, mormente da construção da mulher negra numa sociedade que a oprime e a silencia. Tal temática, abordada através de Ribeiro (2019), busca compreender pontos fundamentais acerca do conceito de lugar de fala⁹, assim como a reivindicação do direito à voz dos grupos silenciados.

De acordo com Collins (1997), as experiências de uma mulher negra serão diferentes das de uma mulher branca, uma vez que, devido a sua posição social, essas mulheres irão experienciar o gênero de maneiras distintas. Já para Ribeiro (2019), o lugar de fala não diz respeito apenas ao falar, mas também à existência. A autora defende que todos nós possuímos um lugar de fala a partir da nossa localização social, sendo assim, é possível que uma mulher branca fale sobre pautas raciais, desde que seja capaz de reconhecer os seus privilégios e de “enxergar as

⁸ Ideia, fórmula que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante.

hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2019, p. 85).

Nesse viés, os contos analisados nesta pesquisa apontam para a discussão sobre a necessidade da criação de um lugar de fala. Se pensarmos sobre a mulher subalternizada, mais especificamente, é inegável que ela se encontra em uma posição ainda mais periférica no que se refere às questões de gênero, uma vez que Almeida (2010 *apud* SPIVAK, 2010, p. 15) pontua que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. Diante da definição apontada, é importante acrescentar também a perspectiva trabalhada por Kilomba (2012), de que mulheres negras, não sendo nem brancas, nem homens, não ocupariam apenas a visão do *Outro*, mas sim exerceriam a função de *Outro do Outro*, restando, à mulher negra, apenas o poder ser o *Outro*, e nunca si mesma.

Nesse sentido, o posicionamento literário de Adichie também é político ao inserir as experiências de mulheres negras no contexto literário. A identidade da autora como Nigeriana também é considerada, uma vez que, como afirma Ribeiro (2019, p. 51), “o não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos o gênero de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo”. Assim, ainda na perspectiva de Ribeiro (2019), a reflexão fundamental que deve ser feita é que “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”. No caso das mulheres africanas, é percebida a necessidade de voltar-se à subjetividade feminina, questionando, de maneira localizada, a opressão de gênero e raça, as quais as reivindicações nacionalistas não deram a atenção devida.

Ademais, é importante salientar a demanda, que norteou os contos analisados, no que diz respeito à mulher negra nigeriana, e as demandas opressivas, centrando-se exatamente na complementariedade de vozes, bem como nos fatores específicos que contribuíram para a reflexão sobre o papel delas na sociedade que as oprime e silencia. Dessa forma, se faz urgente discutir o pensamento hegemônico tal qual sugere Lima (2017, p. 3), assim como a “ressignificação das identidades, sejam elas

de raça, de gênero ou de classe”, com o objetivo de se construir novos lugares de fala, possibilitando, portanto, a voz e a visibilidade dos sujeitos deixados à margem.

Para investigar como as protagonistas constroem e desconstroem suas subjetividades nos contos “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A historiadora Obstinate”, da Chimamanda Adichie, a dissertação é dividida em: Introdução; Capítulo 1: “A maternidade e os relacionamentos conjugais”, Capítulo 2: “Apagamento cultural em contexto diaspórico”; e a Conclusão.

A maternidade é um tema problematizado que influencia significativamente as subjetividades das protagonistas. No primeiro capítulo, analisamos os três contos, “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A historiadora Obstinate”, para iniciar as reflexões literárias e sociais sobre os casamentos, destino tradicionalmente oferecido às mulheres pela sociedade e geralmente construído a partir de fundamentos sexistas (BEAUVOIR, 1980).

Nos três contos analisados, Adichie retrata as peculiaridades das experiências das mulheres negras. Para aprofundar a discussão sobre a maternidade e as relações materno-filiais, iremos nos debruçar sobre as discussões propostas pelas autoras Elisabeth Badinter¹⁰, Adrienne Rich¹¹, Natália Fontes de Oliveira¹², de Carole Boyce Davies¹³, de Liesbeth Woertman¹⁴, Gloria Joseph¹⁵. Dado que a mulher é vista pelo patriarcado, acima de tudo, como “esposa e mãe, [e] sua educação deve fortificá-la nessa dupla função” (BADINTER, 1985, p. 247), e a maternidade é ainda considerada como o único propósito na vida de uma mulher. Esse posicionamento é questionado por Adichie nos três contos e explorado nesse capítulo da pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado “Apagamento cultural em contexto diaspórico”, discutirá, a partir de um contexto de diáspora, a tentativa de apagamento cultural vivenciada pelas protagonistas dos três contos, bem como proporá a discussão sobre o caminho a ser percorrido pelas personagens para a constituição de suas subjetividades. Para isso, é importante entender também como o deslocamento físico

¹⁰ Um amor conquistado. O mito do amor materno (1985).

¹¹ Of woman born: motherhood as experience and institution (1986).

¹² Sisterhood across Different Races and Ethnicities (2011).

¹³ Black women, writing and identity: migrations of the subject (1994).

¹⁴ Mothering in context: Female subjectivities and intervening practices (1993).

¹⁵ Black mothers and daughters: their roles and functions in American society (1981).

e esse apagamento cultural afetam o processo de constituição das subjetividades das protagonistas.

Para lutar contra esse apagamento cultural pela literatura, Adichie utiliza-se de estratégias narrativas em suas obras, que buscam destacar as influências dos fluxos de povos e culturas, experiências diaspóricas, identidade e alteridade. Essas temáticas perpassam a obra da autora por meio de palavras culturalmente marcadas, com o objetivo de fugir dessa tentativa de apagamento sofrida pelas personagens. Alguns contos do livro - como em "A cela um", "Réplica" e "No seu pescoço" - possuem referência constante a grande variedade de comidas étnicas encontradas na Nigéria, como: "gari" e a sopa de "onugbu" – uma das mais populares. Além disso, há referência aos tipos de vestimentas "Ken-print caftan" e, ao nível da narrativa, o uso de nomes genuinamente africanos para certas personagens, tal como "Obioma" (*bom coração*), nome de origem *Igbo* que pertence a um dos maiores grupos étnicos da Nigéria, ou até mesmo, personagens identificados apenas por suas nacionalidades.

O ponto de partida desta pesquisa foi marcado pelas discussões acerca das questões de gênero debatidas, que parte da minha uma busca pessoal enquanto mulher, considerando as causas e os efeitos do silenciamento que cerceiam as subjetividades femininas. Compreendeu-se que, diante dos esmagadores papéis de gênero, as mulheres são levadas à ideia naturalizada de submissão. Assim, quando as escritoras adotaram uma construção de temas que desafiam as forças hegemônicas, como o poder patriarcal, se fez urgente delinear contornos mais fortes na pesquisa acadêmica.

Além disso, a justificativa para este trabalho fundamenta-se na tentativa de trabalhar as representatividades, assim como a escritora nigeriana, que assume uma importante posição de representatividade das questões concernentes à realidade dos povos africanos, com ênfase nas vivências das mulheres nigerianas. As personagens de Adichie são submetidas aos fortes traços de uma cultura patriarcal em que elas não usufruem dos mesmos direitos que os homens nas relações sociais, isto é, "nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar" (ADICHIE, 2015, p. 21).

Os estudos sobre as obras de Adichie têm seu foco mais voltado para outras obras da autora, como *Hibisco Roxo* (2003), *Americanah* (2013) e *Meio Sol Amarelo*

(2006). A obra que nos propusemos a analisar, *No seu pescoço* (2017), é uma produção da autora ainda menos estudada frente aos seus outros textos. Em uma busca pelo Locus Repositório Institucional da UFV de Teses e Dissertações¹⁶, foi possível comprovar a ausência de estudos que exploram os livros da autora, tornando necessária uma pesquisa mais aprofundada e visando à contribuição para a crítica literária feminista acerca dessa obra, uma vez que poucos olhares foram lançados a ela. Neste ponto, destacamos que a presente dissertação vem unir-se aos demais trabalhos, artigos, dissertações e teses elaborados no Brasil a respeito da obra de Adichie.

Importante pontuar que optamos, neste trabalho, por trabalhar com a tradução da obra *No seu pescoço* (2017), inicialmente publicado em 2012, e intitulado como *A coisa à volta do teu pescoço*¹⁷ (2012), que foge dos cânones literários apresentados nos diversos trabalhos acadêmicos. Por se tratar de uma obra contemporânea, espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para os estudos culturais, estudos de gênero, crítica literária feminista, ao analisar os contos “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A historiadora Obstinação” de Chimamanda Adichie para investigar como as protagonistas constituem suas subjetividades em diversos contextos contemporâneos e diaspóricos.

¹⁶ Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/1>

¹⁷ Em inglês, foi intitulado como “The Thing Around Your Neck” (2012).

2. CAPÍTULO 1: A MATERNIDADE E OS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS

*“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância,
já que viver é ser livre.” – Simone de Beauvoir*

Considerações iniciais

Neste capítulo de abertura, é determinante a discussão sobre a temática da maternidade, uma vez que abrimos o trabalho com o intuito de entender como as protagonistas construirão e desconstruirão as suas subjetividades a partir dela. Nos três contos analisados – “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A Historiadora Obstinate” –, a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie retrata diferentes aspectos de maternidade presentes em matrimônios marcados pela cultura patriarcal que influencia diretamente as personagens femininas.

Semanticamente falando, “patriarcado” origina das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe*¹⁸ (poder), portanto, “a autoridade do pai”. Entretanto, “patriarcado” é composto não somente por essa dupla significação, mas também, como afirma Coulanges (1864, p. 525), “A palavra *pater* tinha um outro sentido [...] Na língua do Direito [aplicava-se] a todo homem que não dependia de nenhum outro e que tinha autoridade sobre uma família e um domínio”, isto é, compreende triplamente a definição de autoridade, porém nenhuma noção de filiação biológica, a qual discutiremos mais tarde ao adentrarmos na maternidade.

Para além das definições semânticas apresentadas sobre o patriarcado nos parágrafos acima, temos a proposta por Rich (1986), a qual afirma que:

Patriarcado é o poder dos pais: um sistema familiar-social, ideológico, político, em que homens – pela força, pressão direta, ou através de ritual, tradição, leis, e linguagem, costumes, etiqueta, educação, e a divisão do trabalho, determina qual papel mulheres devem ou não participar, e no qual cada mulher é subordinada pelos homens. (RICH, 1986, p. 57, tradução nossa).¹⁹

¹⁸ Raiz abonada pelo *Dicionário Houaiss*, versão eletrônica 2003, verbete patriarcado.

¹⁹ “Patriarchy is the power of the fathers: a familial-social, ideological, political system in which men – by force, direct pressure, or through ritual, tradition, law, and language, customs, etiquette, education, and the division of labor, determine what part women shall or shall not play, and in which the female is everywhere subsumed under the male”.

A autoridade masculina está presente em diversas sociedades patriarcais, cuja figura paterna é tida como um poder absoluto e determinante dentro e fora do âmbito familiar, constituindo um sistema de dominância sobre os papéis femininos, traçando, assim, a subordinação da mulher.

As mulheres foram destinadas, durante séculos, aos trabalhos domésticos e à maternidade, ao passo que os homens eram destinados aos poderes econômicos, sociais e políticos, os quais permaneciam nas mãos brancas do patriarcado. Dessa forma, como propõe hooks (2019), o homem sempre está, automaticamente, acima da mulher, sem precisar lutar por uma posição elevada, sendo ele o detentor do poder dentro – e fora – do casamento, uma vez que “o patriarcado reforça a ideia de que mulheres são naturalmente cuidadoras”²⁰ (FONTES DE OLIVEIRA, 2015, p. 70, tradução nossa). O papel social atribuído à mulher é condicionado, como se fosse natural para as mulheres cuidar de todos, menos dela. Veremos, ao longo do capítulo, principalmente nos contos “Réplica” e “Os Casamenteiros”, como a função da esposa é automaticamente associada aos cuidados dos filhos, da casa e do próprio marido.

Nos contos analisados, temos a figura de três mulheres negras nigerianas, dentre elas, duas são mães, e todas estão inseridas dentro de um casamento, que na maioria das vezes era imposto por seus familiares. Perceberemos, no decorrer da análise, que a existência de figuras maternas independe do caráter biológico. Importante ressaltar que dentre as mulheres aqui retratadas – Nkem, Chinaza e Nwamgba – apenas Chinaza ainda não vivenciou a maternidade, contudo, o momento da história é logo no início do matrimônio, o que não significa que, com o passar dos anos ou até meses, a maternidade também não será uma realidade para ela.

Para fins de organização, trataremos primeiramente do conceito de maternidade e suas peculiaridades no que se refere às experiências de mulheres negras. A seguir, abordaremos a maternidade dentro do conto “Réplica”, o qual narra a história de Nkem e Obiora, um casal que decide criar os filhos nos Estados Unidos. Em seguida, analisaremos o conto “Os Casamenteiros”, que relata, do ponto de vista da personagem principal, Chinaza (Aghata), seu casamento com Ofodile (Michael), o “marido perfeito” escolhido pelos seus tios. E, por fim, teremos “A historiadora Obstinate”, cuja trama tem como casal central Nwamgba e Obierika, que, apesar de

²⁰ “patriarchy reinforces the idea that women are naturally care givers”.

acreditarem que o romance havia sido predestinado, ainda assim precisaram da aprovação dos seus familiares para que pudessem consagrar o matrimônio.

Maternidade

Defendemos que o termo maternidade pode ser visto como um conceito amplo, para abarcar as diversas experiências de mulheres em contextos distintos. É importante ressaltar que, para além do conceito de maternidade, discutiremos a maternidade das mulheres negras, que são afetadas por diversos estereótipos.

Na introdução para seu livro *Of Woman Born* (1986), Adrienne Rich admite que “naquele tempo, eu o comecei, em 1972, uns quatro ou cinco anos em uma nova politização de mulheres, não existia, virtualmente, nada escrito em relação à maternidade como um problema”²¹ (RICH, 1986, p. 9, tradução nossa). Rich (1986) discute o papel social da mulher como mãe em seu livro defende que a maternidade tem

dois significados de maternidade, um sobreposto ao outro: a relação *em potencial* de toda mulher com seus poderes reprodutivos e com crianças; e a *instituição*, a qual objetiva assegurar que esse potencial – e toda mulher – deve se manter sob o controle masculino. Essa instituição é a chave para os mais diversos sistemas sociais e políticos. (RICH, 1986, p. 13, tradução nossa)²²

Rich (1986) demonstra como a instituição maternidade afeta, diretamente, o monopólio dos corpos femininos, o entregando nas mãos do homem. Sendo ela a porta de entrada para vários sistemas sociais e políticos, tal instituição tem “compartimentado e degradado as potencialidades femininas”²³ (RICH, 1986, p. 13, tradução nossa), isto é, extraindo suas potencialidades e controlando seus corpos sem que haja escolha. Desse modo, a autora defende a existência da instituição maternidade como forma de controle, cujo propósito é ditar o que é aceitável ou não, socialmente falando, especialmente para as mulheres.

²¹“at the time I began it, in 1972, some four or five years into a new politicization of women, there was virtually nothing being written on motherhood as a issue”.

²² “Two meanings of motherhood, one superimposed on the other: the potential relationship of any woman to her powers of reproduction and to children; and the institution, which aims at ensuring that potential – and all women – shall remain under male control. This institution has been a keystone of the most diverse social and political systems”.

²³ “ghettoized and degraded female potentialities”.

Nessa perspectiva de gênero, vale destacar que não basta à mulher ser apenas feminina, precisa ser mãe, uma vez que “para que uma mulher cumpra sua vocação, é preciso que seja mãe, não como outrora, de maneira esporádica e irregular, mas constantemente, vinte quatro horas por dia” (BADINTER, 1985, p.249), limitando sua existência à maternidade, visto que não sobra tempo para dedicar a si mesma.

Ao adentrarmos na discussão acerca da maternidade das mulheres negras, é imperioso discutir a forma como essas são frequentemente estereotipadas como mulheres promíscuas, termo esse que marginaliza e limita as experiências de mulheres negras como mães²⁴ (FONTES OLIVEIRA, p. 77, tradução nossa). Essa visão deturpada tem origem durante a escravização, em que mulheres negras escravizadas eram associadas a objetos sexuais e mães que não se importavam em ficar longe dos filhos. Apesar da maternidade da mulher negra estar diretamente associada à escravidão, não pretendemos, aqui, efetuar esse recorte, uma vez que os contos analisados estão inseridos em um contexto contemporâneo. Entretanto, é notório que a maternidade da mulher negra é atravessada por questões escravagistas e ideologia racista que encontramos ainda hoje.

É por meio da maternidade que as mulheres negras muitas vezes “encontram a possibilidade de resistir à opressão amando seus filhos e sendo amadas, enquanto tentam garantir sua sobrevivência à margem da sociedade que as oprime e silencia”²⁵ (FONTES OLIVEIRA, p. 71, tradução nossa). Mulheres negras lutam contra o sistema racista e patriarcal através da maternidade, recusando uma posição social de vítima e acertando seus direitos à maternagens diversas. Davies (1994) discorre sobre as experiências das mulheres negras como mães e as peculiaridades de suas vivências, apontando que a maternidade

permite um maior grau de deslocamento entre as concepções patriarcais de maternidade e os padrões de maternidade definidos pelas mulheres, dentro e fora de seus mandatos biológicos e construções sociais²⁶ (DAVIES, 1994, p. 104, tradução nossa).

²⁴ “which confines black mothers’ experiences and disseminates stereotypes”.

²⁵ “find the possibility of resisting oppression by loving their children and being loved while trying to ensure their survival at the margins of society”.

²⁶ “allows a greater degree of journeying between patriarchal conceptions of motherhood and women-defined patterns of mothering, in and out of its biological mandates and social constructs”.

A autora faz uma reflexão enriquecedora para discussões sobre as experiências de maternidade, uma vez que não classifica em termos binários um “certo” e “errado”, revolucionário ou reacionário, as atitudes de mães. Considerando que as mulheres vivem em um sistema patriarcal, é impossível fugir completamente dos paradigmas desse modelo cultural, mas atos de resistência são possíveis, e imaginar uma outra maternidade definida por mulheres para mulheres é uma forma de transgressão e rejeição do modelo patriarcal.

Assim como a maternidade, a paternidade também é tema que merece análise considerando os três contos escolhidos. Em sua obra, *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2019), hooks afirma que “mais do que nunca homens estão exercendo a paternagem, o que é uma consequência do movimento feminista” (HOOKS, 2019, p. 122). Apesar da presença das relações paternas nos textos, é fato que ainda estamos bem longe de alcançar a tão sonhada equidade de gêneros. A análise de um dos contos demanda também a necessidade de discutir essa paternidade, como ela é representada e como influencia na narrativa, evidenciando, assim, a enorme disparidade entre as demandas destinadas às mulheres, que vivenciam a maternidade em uma espécie de escravidão, abdicando de sua vida em prol de se tornarem mães, esposas e donas de casa.

1 .1 Nkem em “Réplica”

Ao falarmos de mãe dedicada que cumpre piamente sua vocação vinte e quatro horas por dia, falamos de Nkem. A protagonista do primeiro conto, narrado em terceira pessoa, é mãe de dois filhos, Okey e Adanna, uma nigeriana que, após uma difícil vivência na casa dos pais, se casou com Obiora, que lhe proporciona uma vida confortável nos Estados Unidos.

Então, a casa que eles alugaram foi posta à venda. Era um bom preço, disse Obiora antes de comprá-la. Nkem gostou quando falou “eles”, com se ela realmente tivesse participado da decisão. (ADICHIE, 2017, p. 34).

Embora seu marido use sempre no plural, como se as decisões fossem tomadas por ambos, era ele quem determinava a localização e em qual casa

morariam, a creche em que matricularia Adanna e, até mesmo, disse ser uma boa ideia a esposa ficar mais tempo nos Estados Unidos para que fizesse um curso de computação.

Obiora matriculou Adanna na creche quando Nkem estava grávida de Okey. Depois, encontrou uma boa escola fundamental privada e disse eu era uma sorte ser tão perto dali (ADICHIE, 2017, p. 34).

Nunca foi decidido, conjuntamente, que seria Nkem a única responsável pelas crianças, “simplesmente aconteceu”²⁷. Seu marido, cada vez mais ausente, mantinha negócios na Nigéria, mas, nos primeiros dois anos, visitava sua família mensalmente. Com o passar dos anos, as visitas de Obiora se tornaram anuais, visto que ser incluído na cobiçada lista dos “Cinquenta Empresários Mais Influentes da Nigéria”²⁸ exigia dele uma dedicação mais exclusiva, uma vez que “não queria perder aqueles contratos do governo”²⁹. A ênfase dada na repetição de uma ideia mostra a ironia dramática presente na fala da protagonista, uma vez que ela mesma parece não acreditar nisso.

A narrativa começa com Ijemamaka contando para Nkem sobre o recém-descoberto caso amoroso de Obiora: “Eu não ia falar nada, *sha*, sei como são os homens, mas ouvi dizer que ela se mudou para a sua casa. É isso que acontece quando você se casa com um homem rico”³⁰. A melhor amiga da protagonista liga para contar que Obiora está tendo um caso em Lagos. Ao ser comunicada sobre a traição de Obiora, a revelação acende lembranças de uma vida envolvida em silenciamento, antes e depois do casamento, gerando uma reflexão de como Nkem não foi essencial nas decisões, pensando que todas elas foram tomadas por seu marido, inclusive a de ter os filhos em território americano. A partir da reflexão gerada pela ligação de Ijemamaka, a personagem se redescobre, reavaliando a sua vida e as suas atitudes dentro do relacionamento e se questiona em como recaiu exclusivamente sobre ela a responsabilidade de cuidar dos filhos, sendo Obiora um mero visitante que pouco exerce a função de pai.

No aeroporto, as crianças abraçam Obiora com o mesmo entusiasmo, gritando “Papai!”.

²⁷ ADICHIE, 2017, p. 34.

²⁸ ADICHIE, 2017, p. 34.

²⁹ ADICHIE, 2017, p. 34.

³⁰ ADICHIE, 2017, p. 29.

Nkem os observa. Logo não vão mais poder ser seduzidos com brinquedos e viagens de férias e vão começar a questionar um pai que veem tão poucas vezes. (ADICHIE, 2017, p. 46).

Assim como na Nigéria, em vários países em que o patriarcado continua como forte influência dogmática, as mulheres “são construídas como mães”³¹ (WOERTMAN, 1993, p. 59, tradução nossa). Nkem foi ensinada sobre o que consiste uma boa esposa e uma boa mãe e, diante disso, fez o possível para seguir essa cartilha à risca, dedicando-se à criação dos filhos e à manutenção da casa, bem como ao matrimônio, evitando ao máximo se colocar entre o marido e a cargo influente que ele ocupava, tomando para si todas as responsabilidades que deveriam ser divididas (mas não são), assumindo, assim, o seu destino.

Além de serem criadas para serem mães, as mulheres também são definidas frequentemente pelo patriarcado como “mães simplesmente, e como tais, não são vistas como indivíduos”³² (FONTES DE OLIVEIRA, 2015, p. 68, tradução nossa), assim, suas existências são constantemente reduzidas à maternidade. Nesse sentido, se o marido sustenta o lar, os filhos, a esposa e a casa, é convencionalmente aceito que ele é um bom marido, e a mulher uma esposa de sorte. Já a mulher é vista no seu papel social de mãe e, no máximo, esposa, que mesmo assim é condicionada à ideia de que o papel da esposa é também o de mãe dos filhos.

A protagonista vivencia a solidão de mãe e vê a maternidade como uma “grande ocupação de sua vida”, como afirma Badinter (1985): “o filho preenche uma carência afetiva e social e compensa, por algum tempo, diversas frustrações.” (BADINTER, 1985, p. 224). Nkem percebe que sua mudança para os Estados Unidos causou, ali, uma “igualdade forçada”, uma vez que

você não tem ninguém com quem conversar de verdade, a não ser seus filhos pequenos, por isso acaba falando com a empregada. E, quando se dá conta, ela virou sua amiga. Sua igual (ADICHIE, 2017, p. 37).

Nkem é uma mulher nigeriana, que, apesar de morar nos Estados Unidos, incorpora pouco da liberdade das americanas, vivendo de acordo com os preceitos de sua cultura e país. Como lhe falta a convivência com outras mulheres nigerianas, ou

³¹ “are made into mothers”.

³² “simply as mothers, and as such, they are not viewed as individuals”.

pelo menos mulheres com estilos de vida parecidos, a protagonista se sente sozinha. Sua companhia se resume aos filhos, o que reforça seu papel social como mãe, mas não necessariamente sua luta por uma maior autonomia e constituição de sua identidade enquanto mulher, mãe, esposa e amiga.

A maternidade tem grande influência na personalidade de Nkem, que, independentemente de qualquer descontentamento amoroso com o marido, não envolve os filhos e nem diminui Obiora na frente deles. A chegada ao aeroporto é marcada pelas crianças felizes ao reencontrar o pai: “No aeroporto, as crianças abraçam Obiora com o mesmo entusiasmo! Nkem os observa”³³. Apesar de permitir que as crianças tenham o mesmo comportamento de saudades com relação ao pai, Nkem mudou. Ela não está mais na euforia de encontrar o marido, e sim perceptiva à situação. E, logo em seguida, após beijar os filhos: “Querida, como você está?”, pergunta Obiora. “Cortou o cabelo? Nkem dá de ombros, com aquele sorriso que significa preste atenção nas crianças primeiro”³⁴. Mesmo com toda a sua urgência em estar com o marido, após meses sem vê-lo, Nkem prioriza a relação de Obiora com os filhos.

Nesse contexto, cabe pontuar o que afirma Badinter (1985, p. 260) sobre a inteligência das mulheres que é, portanto, “uma das condições de longevidade do casamento. Mas é sobretudo a condição de uma melhor maternidade.”, isto é, Nkem coloca seus filhos em primeiro lugar, querendo que eles aproveitem o pai e tenham esse momento de encontro. Ela é esperta e não age precipitadamente: mesmo sabendo da traição do marido, quando Obiora vem visitá-los, a protagonista continua com os rituais de chegada, jantando fora de casa com a família e permitindo o momento de interação entre pai e filhos.

Nkem também vive a relação materno filial na perspectiva de filha, como traz a passagem em que sua funcionária, Amaechi, corta os tubérculos rente à casca, e quando questionada, explica à patroa que “minha mãe costumava esfregar casca de inhame na minha pele se eu tirasse muito inhame com a faca. Levava dias para parar de coçar”³⁵. Ao ouvir a história, Nkem lembra que sua mãe “nunca esfregou casca de

³³ ADICHIE, 2017, p. 46.

³⁴ ADICHIE, 2017, p. 46.

³⁵ ADICHIE, 2017, p. 40.

inhame na sua pele, mas era porque eles quase não tinham inhame para comer”³⁶. É exatamente nesse momento que ela percebe que a infância das duas foi muito parecida e o que as diferenciava era apenas o laço de matrimônio que foi constituído. Apesar das vivências semelhantes, Nkem se sentia orgulhosa, “pois tinha se casado com alguém daquele cobiçado clube, o dos “Homens Nigerianos Ricos que Mandam Esposas Terem Seus Bebês nos Estados Unidos”³⁷.

Para além da maternidade, para o enriquecimento da análise do conto “Réplica”, é interessante discutir sobre o conceito de paternidade e o papel do homem enquanto pai e provedor da família. Badinter (1985), sobre o aumento considerável das funções exercidas pela mãe e, conseqüentemente, o apagamento das obrigações paternas na criação dos filhos, discute o chamado “declínio do papel paterno”. Dentre suas justificativas, estão a incapacidade do pai em exercer tal função (educação física e moral do filho), assim como o excesso de trabalho como impedimento no desempenho enquanto pais e criadores. Entretanto, “essas explicações sobre a retirada do pai não eram, porém, efetivamente convincentes” (BADINTER, 1985, p. 282), uma vez que a mulher, quando é mãe, tem de lidar com múltiplas tarefas para além da maternidade, mas não há desculpas para elas.

Tais justificativas são evidenciadas também na narrativa, quando uma amiga, nas mesmas condições de imigração e solidão materna, reclama, dizendo: “Nossos homens gostam de nos manter aqui, dissera ela a Nkem. Eles vão para casa para trabalhar ou passar as férias, deixam a gente e as crianças com casas e carros enormes”³⁸. Enquanto a paternidade de Obiora é exercida apenas uma vez ao ano, Nkem é mãe todos os dias. As responsabilidades sobre a casa e os filhos recaem apenas sobre ela, ao passo que o marido permanece com a sua carreira intacta e isento de cobranças, sejam elas internas ou externas.

Eventualmente, Nkem sente essa discrepância entre o tempo dedicado à criação dos filhos. O incômodo sobre a ausência do marido é evidenciada em vários trechos da narrativa, nos quais ela apresenta o enorme desconforto ao imaginar como será a breve visita anual de Obiora: “Na próxima semana, seus filhos mais uma vez

³⁶ ADICHIE, 2017, p. 40.

³⁷ ADICHIE, 2017, p. 34.

³⁸ ADICHIE, 2017, p. 36.

dirão ‘papai’ para uma pessoa de verdade, não uma voz no telefone”³⁹. Cansada de viver um casamento a distância e de ver os filhos longe do pai, Nkem mal pode esperar pela chegada do marido.

Como de costume, Obiora estava prestes a realizar sua visita anual, sempre no verão, e, quando finalmente chega o dia de buscá-lo no aeroporto, percebemos a tentativa do pai em compensar sua ausência, que não é ignorada por Nkem, que observa e pontua para si que “logo, não vão mais poder ser seduzidos com brinquedos e viagens de férias e vão começar a questionar um pai que veem tão poucas vezes por ano”⁴⁰. Ali, vemos o homem, que, desde o século anterior, havia sido despojado de sua paternidade, o qual era reconhecido “tão-somente uma função econômica” causando um distanciamento “no sentido literal e figurado, de seu filho” (BADINTER, 1985, p. 293). Isto é, apesar de sua questionável ausência, Nkem não se posiciona sobre, uma vez que tal função paterna é reduzida, constantemente, a pouca coisa comparada à função materna e “ninguém pensa realmente em se queixar disso”, inclusive ela (BADINTER, 1985, p.172).

De acordo com o filósofo Alain, citado por Badinter em sua obra, o papel masculino seria, evidentemente, “dar continuidade a esse trabalho de destruição, de conquista, de organização, sem o qual a nossa existência logo se tornaria impossível”. Enquanto a mulher está destinada a “carregar, criar a criança” e “seu olhar está voltado para o ninho, a interioridade” (ALAIN *apud* BADINTER, 1985, p. 282-283). Ou seja, caberia à mulher a responsabilidade de cuidar do lar e dos filhos, e ao pai, a responsabilidade de provedor, mas não, necessariamente, educador.

Um dos principais dogmas do patriarcado é designar a função de cuidar às mulheres, romantizando a maternidade e os vínculos materno-filiais. Sem a mesma cobrança, a função social do homem como pai é reduzida, uma vez que a função do homem seria a de provedor. Como Obiora sustenta a casa e a família, é subentendido que ele é um bom marido e Nkem deve ser grata. Podemos observar essa cultura na fala da Amaechi: “Obiora é um homem bom, ele ama a senhora. Não usa a senhora como se fosse uma bola, para chutar de um lado para o outro”⁴¹. Amaechi parte do

³⁹ ADICHIE, 2017, p. 33.

⁴⁰ ADICHIE, 2017, p. 46.

⁴¹ ADICHIE, 2017, p. 43.

pressuposto de que o fato de Obiora casar e conceder estabilidade de um relacionamento sem desrespeito já o torna um bom marido. A cultura patriarcal dominante faz com que mulheres sejam gratas por serem tratadas com respeito; um pressuposto de qualquer relacionamento vira uma qualidade maravilhosa em um marido se relacionando com a esposa.

Nesse contexto de uma sociedade estruturalmente machista, o casamento e a maternidade para Nkem validam seu status como esposa e mãe, ao mesmo tempo em que a mantém presa em determinados valores culturais opressivos. Imbuída de uma subjetividade individualizada, Nkem é afetada, intrinsecamente, a partir das suas construções de valores e vivências sociais, que determinam não apenas o que é ser mãe, mas também o que é ser esposa, e seu papel dentro do matrimônio enquanto cuidadora do lar e dos filhos. A personagem, apesar de apresentar uma progressiva mudança em sua forma de agir e de enxergar os lugares marcados que regulam sua conduta enquanto mulher, ainda não apresenta um ato transgressor, uma vez que ignora a traição do marido. Porém, é a partir da ideia de retorno ao país natal, após longos anos em território americano, que Nkem questiona as decisões tomadas por Obiora: “Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar”⁴², indo de encontro ao que era considerada obrigação da esposa em seu convívio social: a aceitação sem questionamento.

Vale observar que o título do conto “Réplica” traz várias indagações. Obiora gostava de comprar várias réplicas de obras de arte. Importante perceber que as máscaras são inseridas no conto logo após Nkem desligar o telefone e ir até a cozinha para beber água. Na volta, sem nem tomar um gole da água que pegou para si, a personagem fita a réplica de Benin, tentando imaginar as histórias ao redor do objeto original (ADICHIE, 2017, p. 30). Embora muito parecidas com as originais, as réplicas não passam de imitações esvaziadas de sentido, são meras peças decorativas que não detêm o mesmo significado histórico que as peças originais. Assim, as imitações estabelecem uma relação com os receios e decepções de Nkem em relação ao seu casamento, causados, principalmente, devido à ausência de Obiora. É possível, portanto, estabelecer uma relação metafórica entre a relação deles e as réplicas trazidas pelo marido de Nkem, indicando a falsidade de ambas.

⁴² ADICHIE, 2017, p. 49.

Submissa perante as escolhas do marido e longe de estar vivendo um casamento ideal para si, a ausência de Obiora e, posteriormente, a ligação de Ijemamaka, fizeram Nkem despertar para as suas expectativas sobre como deve ser a relação do casal. Com a chegada de uma nova peça, o sentimento de ansiedade da personagem é intensificado, uma vez que se confunde também com a chegada de Obiora. Ao final do conto, a hipótese sobre uma relação metafórica das réplicas com a vida de Nkem é confirmada, visto que Obiora adquirira seu primeiro original:

Depois do jantar, Nkem senta-se na cama e examina a cabeça de Ife em bronze que Obiora disse ser de facto latão. É colorida, de tamanho natural, com um turbante. É o primeiro original que Obiora compra (ADICHIE, 2012, p. 45).

Nkem vê a peça original com outro olhar. Para ela, uma réplica não é a mesma coisa. Um paralelo poderia ser feito à sua condição que como esposa, seria a “original”, ao passo que a amante do marido seria apenas uma “réplica”, com menor valor cultural. Outra possibilidade de interpretação seria a leitura de que o próprio Obiora seria uma réplica de marido, afinal, ele não era um pai ou marido presente, além de ser infiel. E embora a infidelidade seja “normalizada” por alguns círculos sociais, não é uma prática oficializada e nem bem vista.

Nessa perspectiva, é notório que o conto “Réplica” de Chimamanda Adichie aborda diversos aspectos sobre o casamento e a maternidade. A protagonista Nkem perpassa por muitas reflexões ao tentar construir sua subjetividade, questionando os paradigmas impostos pela sociedade patriarcal às mulheres em condição de esposa e mãe.

1.2 Chinaza em “Os Casamenteiros”

O conto “Os casamenteiros” narra a história de Chinaza que sai da sua cidade natal, Lagos, na Nigéria, para viver nos Estados Unidos. A mudança de país se dá por causa do casamento arranjado pelos seus tios com um médico indiano até então chamado Ofofile. Chinaza aceita o casamento imposto pelos tios sem questionar ou se opor à decisão, como forma de gratidão pelo acolhimento que recebeu dos tios, uma vez que não teve os pais presentes em sua criação:

Eu agradei aos dois por tudo – me arrumar um marido, me receber em sua casa, me comprar um par de sapatos novos a cada dois anos. Era a única maneira de não ser chamada de ingrata. (ADICHIE, 2017, p. 183).

Pela citação vemos o quanto a protagonista é grata aos tios pela criação, assim “comprar um par novos de sapatos a cada dois anos”⁴³ poderia ser visto com revolta devido ao desleixo dos tios, mas Chinaza vê sob uma perspectiva mais positiva qualquer mínimo ato realizado por eles. Além de grata, a protagonista não questiona as decisões deles, já que ela não manifesta oposição ao matrimônio proposto pelos tios. Desse modo, a narrativa de já inicia com a personagem apresentando seu “novo marido”⁴⁴ e sua chegada à nova casa nos Estados Unidos.

Sem conhecimento algum desse novo país e sem conhecer ninguém, Chinaza depende completamente do marido. Ao narrar os fatos, em primeira pessoa, a narradora-personagem relata o choque cultural que é experienciar uma cultura extremamente diferente, principalmente ao lado de um marido que está obstinado a apagar qualquer traço da cultura africana de sua casa e de sua esposa. Para incentivar a adaptação, o marido opta pela utilização da língua inglesa em casa e inibe as demonstrações culinárias nigerianas da esposa. Assim como o marido adotou um nome norte-americano, Dave, ele também define um nome americano para Chinaza: *Agatha Bell*. Para agradar ao marido, a protagonista aceita as propostas de maneira subserviente e tenta adaptar aos desejos de Dave de qualquer maneira.

Ao buscar uma ocupação, Chinaza descobre que está impossibilitada de receber seu visto de trabalho por causa de uma pendência do casamento anterior de Dave, o que a surpreende: “eu merecia saber antes de nós nos casarmos”⁴⁵, revelando a insatisfação de não ter sido comunicada antes de que pudesse fazer algo a respeito, como se tivesse tal permissão para se opor à decisão do matrimônio. Porém, seu novo marido contesta, dizendo que “não ia ter feito diferença. Seus tios já tinham decidido. Você ia dizer não para as pessoas que cuidaram de você desde que seus pais morreram?”⁴⁶. A pergunta de Dave é a forma que ele encontra de silenciar os questionamentos de sua esposa, trazendo à tona uma espécie de apelo emocional

⁴³ ADICHIE, 2017, p. 183.

⁴⁴ ADICHIE, 2017, p. 180.

⁴⁵ ADICHIE, 2017, p. 197.

⁴⁶ ADICHIE, 2017, p. 197.

para desviar do seu foco principal. A partir de então, descobrimos que Chinaza não teve a presença dos pais biológicos em sua criação, o que abre margem para a discussão sobre os diferentes tipos de maternidade, uma vez que, como afirma Joseph (1981, p. 83, tradução nossa), “o conceito de maternidade não pode ser reduzida à função biológica”⁴⁷, se fazendo necessário discuti-la para além dos laços sanguíneos.

Cabe avaliar que a maternidade vivenciada pela tia de Chinaza pode ser vista como uma prática social adquirida, uma “uma experiência não estritamente determinada biologicamente, mas um conhecimento de que as mulheres adquirem, que podem aprender com e através de seus corpos”⁴⁸ (FONTES DE OLIVEIRA, 2015, p. 70, tradução nossa). Nesse contexto, diferentes mulheres atuam em papéis de mães e outras mães, visto que a maternidade não deve ser limitada aos determinantes biológicos (FONTES DE OLIVEIRA, 2015).

A subordinação de Chinaza é um resultado de sua criação e ao que lhe foi ensinado. Sua tia lhe aconselhava a fazer coisas para agradar o marido: “Não deixe seu marido comer demais na rua [...] ou ele vai acabar nos braços de uma mulher que cozinha”⁴⁹. Colocando-o em uma posição de adoração, tia Ada reforça a dominação de Ofodile Udewa, ou Dave Bell. A maternidade exercida pela tia de Chinaza perpetua paradigmas machistas com relação ao dever da mulher como esposa.

Quando a tia Ada arranhou o casamento para a sobrinha, já tinha em mente que não havia a necessidade de um noivado prolongado, considerando duas semanas “bastante tempo para se conhecer antes do casamento”⁵⁰. A sobrinha concordou, sem questionar a fala da tia, a qual se orgulhava de ter conseguido um pretendente *ezigbodi*, isto é, um bom marido, que, além disso, era “médico nos Estados Unidos!”⁵¹:

O que nós não fazemos por você? Criamos você como se fosse nossa filha e agora lhe arrumamos um *ezigbodi*! Um médico nos Estados Unidos! É como se tivéssemos ganhado a loteria para você! (ADICHIE, 2017, p. 183)

⁴⁷ “the concept of motherhood cannot be reduced to a biological function”.

⁴⁸ “experience not strictly determined biologically, but a knowing that women acquire, which they may learn with and through their bodies”.

⁴⁹ ADICHIE, 2017, p. 191.

⁵⁰ ADICHIE, 2017, p. 183.

⁵¹ ADICHIE, 2017, p. 183.

A própria tia defende que exerceu a maternidade e cuidou da Chinaza como filha. O cuidado e a maternidade de Ada não são romantizados, ao contrário, posto que em toda oportunidade ela se enaltece por ter cuidado de Chinaza. O casamento com um médico é um sinal de sucesso e a tia se orgulha por ter conseguido tal empreitada para sua sobrinha.

Retomando à questão do matrimônio e como Chinaza se sente reprimida por paradigmas machistas mesmo em um país onde as mulheres têm uma maior liberdade cultural e social, percebemos que o marido representa a instituição arcaica e patriarcal. Fonseca (1997) destaca que o ideal de mulher contemplava uma série de fatores: “a mãe piedosa da Igreja, a mãe educadora do Estado positivista, a ‘esposa companheira’ do aparato médico higienista” (FONSECA, 1997, p. 528), além disso, deveria ser virgem e pura, casta para casar. O que vai ao encontro do que explicita Rich (1986) de que “ela se torna propriedade do marido-pai e deve vir a ele *virgo intacta*, não como ‘bens de segunda mão’”⁵² (RICH, 1986, p.119, tradução nossa). Dessa forma, cabe pontuar o diálogo que se seguiu entre os recém-casados:

“Por que você casou comigo?”, perguntei. “Eu queria uma esposa nigeriana e minha mãe disse que você era uma menina boa, tranquila. Disse que talvez fosse até virgem”, disse ele, sorrindo, e parecendo ainda mais cansado ao fazê-lo. “Eu provavelmente deveria contar a ela que estava muito enganada.” (ADICHIE, 2017, p. 197)

No trecho acima, é possível perceber que o papel de “boa esposa” é também esperado pela mãe de Dave, que expectava uma nora boa e tranquila, talvez até virgem, evidenciando um tabu social de que “a virgindade era um ‘cristal’ que não devia ser quebrado à toa” (FONSECA, 1997, p. 529), e, caso fosse rompido, reforçava a existência de um ideal de mulher, que seria “pra casar”, a qual não deveria manter relações sexuais antes ou fora do matrimônio. A provocação de Dave incomoda Chinaza, que reage, silenciosamente: “joguei mais cupons no chão, juntei as mãos e enfiei as unhas na carne”⁵³. O ato de rasgar os cupons de desconto do catálogo do

⁵² “she becomes the property of the husband-father, and must come to him *virgo intacta*, not as ‘second-hand goods’”.

⁵³ ADICHIE, 2017, p. 197.

Key Food era como uma forma de protesto, uma vez que odiava o preparo das comidas americanas.

O que vemos a seguir é um esboço de transgressão, uma vez que a reação silenciosa de Chinaza se transforma em algo maior, quando ela, enquanto seu marido tomava banho, recolhe suas roupas – apenas as que não haviam sido dadas por ele –, e foge para o apartamento de Nia, sua vizinha. Quando a amiga pergunta se ela deseja ligar para Ada, a nigeriana faz que não com a cabeça, e os pensamentos do que seria dito por sua tia a atormentam:

Você largou seu marido? Gritaria a tia Ada. Está doida? Por acaso a gente joga fora um ovo de galinha-d'angola? Você sabe quantas mulheres dariam os olhos da cara por um médico dos Estados Unidos? Por qualquer marido? (ADICHIE, 2017, p. 198)

Chinaza sabia que seu tio também não receberia favoravelmente sua decisão, a chamaria de ingrata e estúpida antes de bater o telefone. Logo ela repele seus pensamentos em busca de uma alternativa para a situação na qual se encontrava. Nesse momento, a narrativa cria uma expectativa de rompimento, até que Nia começa a discutir as formas práticas que ela deveria adotar a seguir: esperar o visto e ir embora, além disso, “poderia pedir ajuda do governo até se ajeitar, e depois arrumar um emprego, alugar um apartamento, se sustentar e começar do zero. A gente está nos Estados Unidos”⁵⁴. Entretanto, Chinaza percebe que “não podia ir embora por enquanto”⁵⁵, voltando para o apartamento do outro lado do corredor na noite seguinte. Dave atende a esposa, dá um passo para o lado e a deixa entrar. O final da história ilustra a falta de autonomia da protagonista que, mesmo querendo se rebelar, não tem os meios para buscar sua independência sozinha no novo país.

Embora Chinaza esboce um ato de resistência ao fugir para o apartamento de Nia, é a dependência econômica e a falta de direitos sociais que fazem com que ela retorne à casa de Dave. Sem ter para onde ir, ela não somente pensa em como sobreviverá em um país “desconhecido”, mas também na imagem que deixaria para a sociedade e seus familiares. Para Engels (1984, p. 80), na família, “o homem é o burguês e a mulher representa o proletário”, isto é, o autor evidencia essa ideia de

⁵⁴ ADICHIE, 2017, p. 197.

⁵⁵ ADICHIE, 2017, p. 200.

submissão existente dentro do matrimônio, ideia essa defendida pela tia Ada, referência de esposa e de mãe para a protagonista do conto.

Diante disso, a análise do conto “Os casamenteiros” pôde ilustrar como o matrimônio e a maternidade influenciam diretamente a subjetividade da Chinaza. A jornada da protagonista será construída por sua luta em compreender sua subjetividade para além de seus deveres como esposa e filha impostos pela cultura dominante.

1.3 Nwamgba em “A Historiadora Obstinaada”

No conto “A historiadora obstinada”, o último do livro *No seu pescoço*, de Chimamanda Adichie, a voz narrativa heterodiegética⁵⁶ conta, em terceira pessoa, a história de Nwamgba que, mesmo diante da imposição dos pais, escolhe seu próprio marido, Obierika. A família do esposo, entretanto, é atormentada por uma maldição, e a protagonista sofre diversos abortos espontâneos até, por fim, nascer Anikwenwa, o primeiro e único filho do casal. O marido morre pouco depois e deixa Nwamgba no meio de uma disputa familiar: os primos do falecido exigem as posses deixadas. Nwamgba decide mandar o filho estudar com missionários católicos ingleses, pois assim Anikwenwa aprenderia inglês e poderia defender os direitos da mãe nos recém-estabelecidos tribunais dos colonizadores.

Partindo de uma análise mais aprofundada sobre como a protagonista performatiza a maternidade, esperamos que seja possível perceber como a subjetividade de Nwamgba será construída e quais serão os seus atravessamentos, uma vez que, diferentemente das protagonistas dos outros contos analisados, Nwamgba não experienciou o deslocamento físico, visto que permaneceu em seu país de origem, embora tenha vivenciado também o apagamento cultural ao perceber que, para lutar por suas terras, precisaria se render à língua do colonizador. Diante disso, a espinha dorsal que guiará nossa análise será a figura da protagonista enquanto esposa, mãe e avó, bem como analisaremos a construção da sua neta, Afamefunna

⁵⁶ Narrativa em terceira pessoa.

(Grace), que também tem a sua subjetividade construída a partir dos atravessamentos da avó e das suas experiências com o matrimônio e a maternidade.

No início da narrativa, Nwamgba é descrita pelo pai como “cansativa, aquela filha obstinada de língua ferina”⁵⁷, comportamento que desafia a lógica de passividade e obediência associadas não somente às mulheres do seu clã, na região de Onicha, na Nigéria, como também às tradições, às leis e aos costumes, que colocam a mulher na posição de subordinação diante do patriarcado. Desafiando a vontade do pai, Nwamgba “acreditou com uma teimosia mansa que seu *chi* e o *chi* dele haviam predestinado seu casamento”⁵⁸, assim, ao levar Obierika para conhecer seu pai, alguns anos depois, ela disse à mãe que “aquele era o homem com quem ia se casar”⁵⁹, demonstrando uma postura insubmissa.

Sua determinação ao escolher Obierika contraria os arranjos matrimoniais passados, uma vez que não se trata de um casamento arranjado por seus familiares. O casamento era “concebido como um arranjo de duas famílias”, desprezando os “gostos e inclinações dos indivíduos” (BADINTER, 1985 p. 175). No entanto, Nwamgba faz do casamento uma escolha sua, revelando suas intenções, personalidade e resistência. Em vários momentos da narrativa ela recorre aos meios de que dispõe para fazer valer a sua vontade, apesar de ser questionada por sua família:

Será que Nwamgba não sabia que Obierika era filho único, que seu falecido pai fora um filho único cujas esposas tinham abortado filhos e enterrado bebês? Talvez alguém da família houvesse violado o tabu de vender uma menina como escrava e o deus da terra, Ani, estivesse assolando-os com infortúnios (ADICHIE, 2017 p. 213).

A família de Nwamgba estava preocupada com a infertilidade da família de Obierika, por isso se opuseram, inicialmente, ao matrimônio. Assim, é perceptível que “a maternidade e/ou maternagem, torna-se um tópico central e definidor na reconstrução da mulher negra”⁶⁰ (DAVIES, 1994, p. 100). Casamentos são arranjados considerando a possibilidade da mulher ser mãe, condição indissolúvel do papel de

⁵⁷ ADICHIE, 2017, p. 213.

⁵⁸ ADICHIE, 2017, p. 212.

⁵⁹ ADICHIE, 2017, p. 212-213.

⁶⁰ “Motherhood and/or mothering thus become central and defining tropes in Black female reconstruction.” (Tradução nossa)

boa esposa, isto é, a realização pessoal de uma mulher sob ideologia patriarcal está atrelada à sua capacidade de ser mãe. O pai da protagonista considerou a respeito e achou melhor consentir com a escolha da filha, visto que desejava “proteger a si mesmo dos anos de aborrecimento em que ela não pararia de voltar para a casa depois de brigar com os sogros”.⁶¹ Percebe-se que o próprio pai reconhece a força e independência da filha. Assim, ele deu a sua benção e Nwamgba e Obierika se casaram.

Com o passar do tempo, Nwamgba sofre vários abortos espontâneos, algo que não é comum na comunidade em que vive. Tal situação é vista como algo negativo pela comunidade, gerando certo desprezo às mulheres incapazes de gerar filhos. Tal desprezo pode ser considerado contraditório, visto que a maldição assolava a família do marido, logo, a culpa não engravidar não deveria ser carregada por ela.

Na cultura dominante, o aborto é uma ameaça à posição da mulher como esposa e, conseqüentemente, menos mulher, visto que sua figura é social e culturalmente vinculada ao papel de mãe. Com vários abortos espontâneos, é travada a batalha entre Nwamgba e os primos de Obierika, Okafo e Okoye – que eram como irmãos para ele. Esses já desagradavam a protagonista desde a primeira visita em sua casa, e o aborto é um fator plausível para desonrá-la como esposa. Após o terceiro aborto espontâneo de Nwamgba, foram eles que “insistiram que Obierika se casasse com outra esposa”⁶². Contudo, Obierika não deu ouvido a eles, pelo contrário, “falou para ela que tinha certeza de que eles teriam um lar cheio de crianças”⁶³. Apesar do apoio dado por seu marido, Nwamgba “decidiu ela própria encontrar uma esposa para Obierika”⁶⁴, uma vez que “se preocupava mais do que ele com o fato de eles não terem filhos”⁶⁵. A importância da maternidade está também presente no imaginário de Nwamgba, pois é tido como natural que isso aconteça, que ela cumpra sua missão biológica e, caso esteja impossibilitada, cabe a outra mulher o dever de gerar um filho a Obierika.

⁶¹ ADICHIE, 2017, p. 213.

⁶² ADICHIE, 2017, p. 213.

⁶³ ADICHIE, 2017, p. 213.

⁶⁴ ADICHIE, 2017, p. 214.

⁶⁵ ADICHIE, 2017, p. 213.

Tal preocupação iniciou sua busca implacável por uma boa esposa para Obierika, fazendo com que Nwamgba fosse até o riacho Oyi perguntar para sua amiga mais íntima, Ayaju, quem poderia ser a candidata perfeita para o cargo de esposa e futura mãe dos filhos que Nwamgba sendo ela incapaz de gerar até então. Ayaju, por sua vez, sugeriu a menina da família Okonkwo, por ter “lindos quadris largos”⁶⁶, o que é tipicamente um mito sobre a maternidade, em que mulheres com quadris largos possuem facilidades no parto. Nwamgba, no entanto, não efetivou a escolha de uma nova esposa, pois como uma resposta às suas preces, Nwamgba “sentiu uma pontada feroz nas costas e soube que estava grávida de novo”, mas não disse nada, porque soube também que “perderia o bebê de novo”⁶⁷, o que se confirmou algumas semanas mais tarde.

Após a visita ao oráculo e o sacrifício de uma vaca inteira, uma gravidez de Nwamgba é bem-sucedida e ela dá à luz a Anikwenwa. Cumpre lembrar ainda a preferência da comunidade por filhos homens, uma vez que esses são prediletos por causa de uma questão: são eles os detentores do poder, possuindo, assim, mais direitos do que mulheres. Exemplo disso foi a intromissão dos primos do falecido marido de Nwamgba, que “tomaram um grande pedaço de terra e disseram aos anciãos que estavam cultivando ali pra ela”⁶⁸, logo usaram como justificativa o fato de a viúva recusar-se a casar novamente, recusa essa naturalmente esperada por eles.

Mãe de um menino de “pele escura, um corpo robusto e a curiosidade alegre de Obierika”⁶⁹, Nwamgba percebeu a aproximação dos primos de seu marido, que começaram a fazer visitas demais. Eles ficaram maravilhados com as habilidades de Anikwenwa, que tocava flauta, aprendia poesia e a lutar com o pai. Desconfiada, Nwamgba temia pela vida do filho e do marido. Desse modo, quando Obierika morreu, “ela soube que eles o tinham matado com feitiçaria”⁷⁰, já que desde sempre notou a inveja presente no olhar de ambos. Imersa em um desespero interminável, Nwamgba pensou até em suicídio, contudo decidiu não o fazer, por causa de seu filho

⁶⁶ ADICHIE, 2017, p. 215.

⁶⁷ ADICHIE, 2017, p. 215.

⁶⁸ ADICHIE, 2017, p. 220.

⁶⁹ ADICHIE, 2017, p. 216.

⁷⁰ ADICHIE, 2017, p. 216.

Anikwenwa. Quando se vê viúva e explorada pelos primos do falecido marido, ela procura de várias maneiras se contrapor a eles.

Nesse contexto, cabe pontuar o que afirma Fontes de Oliveira (2015, p. 71, tradução nossa) sobre a maternidade da mulher negra, que, muitas vezes, “encontra a possibilidade de resistir à opressão por amar seus filhos e ser amada ao tentar garantir sua sobrevivência à margem da sociedade”⁷¹. Assim, Nwamgba resiste, mas não por ela, e sim pelo seu filho. Ela luta por ele do mesmo modo que lutou antes mesmo dele nascer. Seu único propósito, portanto, era garantir ao filho o que era seu por direito. Ela sabia que, apesar de sonhar em matar os primos do falecido marido, nada poderia fazer, visto que seria banida e “não haveria ninguém para cuidar de seu filho”⁷². A maternidade influencia, então, no processo de luto e nas atitudes de vingança da protagonista, já que decide não matar os primos do marido para não deixar que seu filho cresça sozinho, sem mãe.

Para lutar contra os primos e defender suas terras, Nwamgba matricula seu filho na escola de missionários católicos. A protagonista vê nos estudos a oportunidade para que seu filho aprenda a língua e os costumes dos estrangeiros para defender os interesses da família perante ao tribunal. Anikwenwa, no início, mostra resistência, mas se adapta à nova religião e ao novo estilo de vida⁷³. No primeiro final de semana que seu filho retorna pra casa, Nwamgba percebe as marcas de agressão existentes. Não satisfeita, amarra a canga na cintura e vai até à escola tirar satisfações, dizendo ao professor que “arrancaria os olhos de todos na missão se eles fizessem aquilo com ele de novo”⁷⁴. Nwamgba “possuía uma assertividade perturbadora” e o padre viu que “havia muito potencial para ser explorado se sua selvageria pudesse ser amansada”⁷⁵, reforçando a ideia de que é necessário corresponder ao ideal de mãe perfeita e dedicada para ser uma boa mãe, porém submissa. Além disso, percebemos a materialidade linguística que subjaz um discurso animalesco com forma definição apara sua subjetividade. Assim, vemos a conversão

⁷¹ “find the possibility of resisting oppression by loving their children and being loved while trying to ensure their survival at the margins of society”.

⁷² ADICHIE, 2017, p. 218.

⁷³ As discussões acerca do aprendizado da língua do colonizador deixaremos para aprofundar no capítulo seguinte.

⁷⁴ ADICHIE, 2017, p. 224.

⁷⁵ ADICHIE, 2017, p. 223.

de Anikwenwa, aos moldes daquilo que Munanga (2009, p. 37) define como “tentativas de assimilação dos valores culturais do branco”, no entanto, sua marginalidade é:

muito mais do que um local de privação... é também o local da possibilidade radical, um espaço de resistência... um local que fica dentro, se apega ao equilíbrio, porque nutre a capacidade de resistir.⁷⁶
(HOOKS *apud* FONTES DE OLIVEIRA, 2015, p. 71, tradução nossa)

Nwamgba mostra a que veio através de sua personalidade dita “perturbadora”, que difere do que se espera das mulheres, pois o esperado é que a mãe seja “alegre, feliz, tranquila, serena, ajustada, sem hostilidades, angústias ou conflitos”. Só assim ela será capaz de se adequar e compreender as “diversas etapas do desenvolvimento físico e psicológico do filho” (NOVELINO, 1988, p. 28), o que a protagonista está longe de ser. A ausência do marido potencializou a necessidade, aos olhos de Nwamgba, de assumir um perfil mais assertivo, tendo em vista que não existia mais um homem que pudesse mediar a situação. Agora, era ela a única responsável pela criação do seu filho e, assim, garantiria que sua educação fosse eficaz, uma vez que se recusou a casar novamente, o que é esperado de uma mulher jovem e viúva. Dessa maneira, Nwamgba dispensa a suposta ideia de segurança que o homem, enquanto chefe da família, proporciona à mulher, embora queira que seu filho estude a língua do colonizador para que ele defenda no tribunal seu direito à herança deixada pelo marido.

As ações da protagonista se destinam à recuperação do que é seu por direito, bem como à posição social do filho. Vale pontuar, portanto, que a emancipação feminina na comunidade em questão é evidente: a maternidade. Nwamgba não se interessa pela educação, senão para manter sólidas suas tradições. Seu interesse em que o filho aprenda a língua do colonizador se limita à sua necessidade de retomar as posses no tribunal dos homens brancos, não imaginando que seu filho se tornaria um deles.

Estudando anos na escola dos missionários, Anikwenwa se converte ao cristianismo e se afasta completamente da mãe e de sua herança cultural. Ele se muda para Lagos para estudar e se tornar professor, adota um novo nome, Michael,

⁷⁶ “marginality [can be seen] as much more than a site of deprivation... it is also the site of radical possibility, a space of resistance... a site one stays in, clings to even, because it nourishes one’s capacity to resist”

retorna à aldeia como catequista e se casa com outra cristã convertida. Nwamgba não consegue acreditar no que seu filho se tornou. Ele não reconhece mais sua cultura e tradição. Assim, a protagonista questiona: “Como você pode me abandonar? Quem vai me enterrar quando eu morrer?”⁷⁷, ela sabe que ele não mudaria de ideia. Nwamgba sofre com a partida do filho e vivencia uma das etapas mais difíceis da maternidade, quando o filho “sai de casa, vai para o mundo e abandona os seus” (BADINTER, 1985, p. 245). Assim, Nwamgba, que acreditava investir na educação do filho para que ele a protegesse dos primos do marido, percebeu que perdeu o filho para essa nova cultura.

Quando Michael disse que se casaria, Nwamgba não se surpreendeu. Alguém da missão havia a enviado e a moça “seria levada às Irmãs do Rosário Sagrado em Onicha para aprender como ser uma boa esposa cristã”⁷⁸, dado que a visão patriarcal vê a mulher, acima de tudo, como “esposa e mãe, [e] sua educação deverá fortificá-la nessa dupla função” (BADINTER, 1985, p. 247), assim, a mãe assume o papel de elemento central e constituinte para compor a família perfeita. Desse matrimônio nasce Peter e Grace – ou Nnamdi e Afamefuma, como foram carinhosamente batizados pela avó. O nome Afamefuma, em *igbo*, significa “meu nome não se perderá”⁷⁹ e é interessante perceber seu significado e o apelo por trás desse nome: Nwamgba não quer que o nome de sua neta seja perdido, assim como foi o do seu filho. Nasce, então, a personagem cuja posição combativa estará em consonância com a da avó, já que, quando mais velha, irá contestar a sua condição diante dos estigmas que colocam a mulher em posições de inferioridade, do mesmo modo que problematizará as questões culturais que a cerceiam, ressignificando o espaço nigeriano com base no trabalho acadêmico.

Dessa forma, Nwamgba busca, através dos netos, manter vivas a cultura e as tradições de seu povo. A protagonista recorreu ao deus Ani para que esse Ihe concedesse um neto, na esperança de que o espírito de Obierika retornasse no corpo da criança, no entanto, foi na neta que ela sentiu o espírito dele:

No instante em que Nwamgba a pegou no colo e viu seus olhos brilhantes fixos nela com deleite, ela soube que era o espírito de Obierika que tinha voltado; era estranho que tivesse vindo numa menina, mas

⁷⁷ ADICHIE, 2017, p. 226.

⁷⁸ ADICHIE, 2017, p. 227.

⁷⁹ ADICHIE, 2017, p. 224.

quem podia prever os caminhos dos ancestrais? (ADICHIE, 2017 p. 229).

Nwangba experencia novamente a maternidade, desta vez “como uma espécie de vínculo entre personagens, que muitas vezes estão sujeitos a mudanças de acordo com e circunstâncias sociais”⁸⁰, dessa forma, “diferentes personagens podem desempenhar papéis de mães ou mães substitutas, já que a maternidade não é confinado aos determinantes biológicos”⁸¹ (FONTES DE OLIVEIRA, 2015, p. 70, tradução nossa). Os laços materno-filiais entre avó e neta são estabelecidos quase que instantaneamente, se fazendo presente, mais uma vez, nos contos de Adichie, a independência do caráter biológico para com a maternidade.

Posteriormente, vemos o despertar de Grace, ou Afamefuma, pois quase todas as sentenças começam com as palavras “Foi Grace”, narrando as várias décadas na vida da neta de Nwangba, e ressaltando o poder e a atitude de Grace em sua trajetória. Enquanto isso, Grace imagina que sua avó observaria tudo aquilo rindo. A trajetória de Grace não foi muito diferente da mãe e da avó: o destino do matrimônio e, conseqüentemente, a busca pela maternidade, pois ainda está enraizado o pensamento de que é preciso que a mulher seja mãe para que se cumpra a sua vocação (BADINTER, 1985, p.249).

Grace enfrentou também os sucessivos abortos, como as mulheres de sua família, entretanto, nos apresenta uma série de renúncias: primeiro ela renuncia ao matrimônio, se divorciando, em 1972; em seguida, renuncia à maternidade, após sofrer quatro abortos espontâneos, isto é, não viu a maternidade como única identidade; e, por fim, renuncia a seu nome cristão, Grace, para então assumir o nome *igbo* que a avó lhe dera. Tais renúncias anunciam um caráter transgressor adotado por Grace, que, mesmo diante de todos os silenciamentos aos quais as mulheres são impostas, permitiu que suas escolhas moldassem a forma como ela lida com o matrimônio, a maternidade e a sua cultura e, portanto, sua subjetividade.

⁸⁰ “motherhood as a type of bond among characters, which is often subject to change according to historical and social circumstances”.

⁸¹ “different characters can perform roles of mothers or surrogate mothers, as motherhood is not confined to biological determinants”.

O conto é finalizado com a neta, “diante de suas raízes no fim da vida”⁸², renegando o nome cristão, e adotando, oficialmente, Afamefuna, a fim de resgatar a cultura dos ancestrais, expressando o significado do nome escolhido pela avó. Ela, então, se debruça sobre a chamada “cultura primitiva” do seu povo e se torna a “historiadora obstinada” que dá nome ao conto.

Fontes de Oliveira (2015, p. 71, tradução nossa) evidencia que “não há relações de poder sem resistências; os últimos são tanto mais reais e eficazes porque se formam exatamente no ponto em que as relações de poder são exercidas”⁸³ Assim, ambas demonstram um potencial transgressor da façanha feminina, marcando, ao mesmo tempo, a atuação da mulher em dois contextos diferentes na Nigéria. Nwangba possui uma postura que pode ser considerada transgressora por questionar os padrões adotados na sua comunidade, como no seguinte excerto: “o seu pai achava-a cansativa, esta filha teimosa e de língua afiada que uma vez tinha derrubado o irmão numa luta” (ADICHIE, 2012, p. 206). Ao passo que Afamefuma revela ações caracterizantes, mais no âmbito externo, quando expõe as marcas opressivas das instituições, além de dispensar a visão cristã da mulher recatada, cuidadora da casa e dos filhos, que é fortemente reforçada pelo patriarcado (FONTES DE OLIVEIRA, 2015, p. 70).

Dessa forma, observamos como a maternidade e as relações conjugais influenciaram na busca das protagonistas por uma subjetividade própria no conto “A historiadora obstinada”. As personagens Nwangba e Afamefuma buscam força em sua herança cultural para lutar contra os paradigmas de uma sociedade sexista.

Diante do exposto, se faz necessário também, e urgente, discutir a constante ameaça de apagamento vivenciada pelas protagonistas dos contos. Sendo assim, serão exploradas no próximo capítulo as atitudes transgressoras das personagens, que estão em busca de um entendimento próprio, bem como estão inseridas em discursos que são carregados e embebidos de posições hegemônicas e subalternas.

⁸² ADICHIE, 2017, p. 233.

⁸³ “there are no relations of power without resistances; the latter are all the more real and effective because they are formed right at the point where relations of power are exercised”.

3. CAPÍTULO 2: APAGAMENTO CULTURAL EM UM CONTEXTO DIASPÓRICO

“E é claro que eu tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo” – Audre Lorde

Considerações Iniciais

Neste segundo capítulo, é imprescindível a discussão acerca da diáspora vivenciada pelas protagonistas femininas, visto que temos como um dos objetivos da pesquisa entender como essas mulheres constroem e desconstruem suas subjetividades a partir do apagamento cultural presente nas narrativas dos contos selecionados. Nos três contos que nos propusemos a analisar – “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A Historiadora Obstinate” – a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie retrata as diferentes formas de silenciamento as quais as personagens são submetidas e faz-se necessário discutir como isso influencia diretamente nas subjetividades das protagonistas dos contos.

Nos três contos analisados, temos a figura de protagonistas que vivenciam situações de apagamento e perceberemos, no decorrer da análise, que o apagamento cultural perpassa pelo apagamento da identidade das protagonistas. Importante ressaltar que dentre as mulheres aqui retratadas – Nkem, Chinaza e Nwamgba – apenas Nwamgba não experienciou o deslocamento forçado. Contudo, é possível perceber que o silenciamento vivido pela personagem acontece também através da figura do colonizador, uma vez que ela precisa lutar no tribunal de homens brancos pelo seu direito à terra em que vive contra os irmãos do seu falecido marido. Para fins de organização, trataremos primeiramente do conceito de diáspora e discutiremos a respeito do apagamento cultural e, a seguir, abordaremos a temática dentro dos contos.

Diáspora e apagamento cultural

“Diáspora” é uma palavra de origem grega (*diaspeirein*) e significa dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos. O prefixo *dia-* traduz a ideia de “movimento através”, “passagem” ou “afastamento”, ao passo que *speirein* significa “semear ou dispersar”. Embora esse termo tenha surgido devido à dispersão do povo judeu, principalmente após o exílio babilônico, ele não é usado exclusivamente no

contexto judaico, mas também para descrever qualquer comunidade étnica ou religiosa que vive dispersa ou fora do seu lugar de origem. Almeida, em *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo e escrita (2015)*, considera que o termo “diáspora” passou por uma reestruturação essencial para contemplar as demandas atuais, dado que os movimentos migratórios de outras épocas adquiriram grande importância para a compreensão dos fluxos contemporâneos.

De acordo com Hall (2003), os movimentos diaspóricos consistem na migração, livre ou forçada, de um grande número de indivíduos de determinada localidade. Dessa forma, o autor, ao tratar das questões da diáspora, reflete sobre as estratégias culturais que possibilitam interrogar as relações de poder, “não podemos esquecer como a vida cultural, sobretudo no Ocidente e também em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens.” (HALL, 2013, p.376), uma vez que elas se fazem importantes nesse processo. Com isso, chamam atenção os estudos pós-coloniais que indicam que o oprimido (e/ou ex-colonizado) também possui a capacidade intelectual de falar a respeito da opressão, que o “subalternizado” pode falar por si mesmo, como afirma Spivak (2010).

O natural, ao que se sabe, é o conhecimento apenas da versão do herói e dos “grandes homens”, desconsiderando as classes menos favorecidas, mesmo essas tendo igual importância para a construção das narrativas, como os artesãos, camponeses, operários, dentre outros. Assim, a história vista sob a ótica dos Outros é uma mudança transitória das perspectivas com novas abordagens teóricas e temáticas, oportunizando um olhar sociocultural e histórico a partir de sujeitos que até então foram marginalizados da história dita “tradicional”.

Chimamanda Ngozi Adichie, por sua vez, trata das relações de poder entre colonizador e colonizado, a partir do ponto de vista do sujeito subalternizado, bem como a construção da mulher negra numa sociedade que a oprime e a silencia. Logo, por meio de narrativas que têm as mulheres como protagonistas, a autora legitima a história de muitas outras mulheres.

2.1 Os atos de resistência de Nkem

De início, é importante apontar que a narrativa se passa em dois espaços distintos nos quais a família reside: A Nigéria e os Estados Unidos da América,

pertencentes a culturas diferentes. O primeiro lar da família foi no país africano, onde moraram até Nkem engravidar de seu primeiro filho e, então, passaram a residir no continente americano. Levando em consideração o título dado ao conto, impossível não pensar que a réplica não seria somente uma referência às peças decorativas da casa nova, mas sim à própria estrutura familiar disfuncional, na qual diferentes culturas permeiam a vida dos personagens:

Obiora ficou na casa durante os primeiros meses, por isso os vizinhos só começaram a perguntar por ele mais tarde. Onde estava o marido dela? Tinha acontecido alguma coisa? Nkem disse que estava tudo bem. Ele vivia na Nigéria e também nos Estados Unidos; eles tinham duas casas. Ela viu a desconfiança nos olhos deles, percebeu que estavam pensando em outros casais com segundas casas em lugares como Flórida ou Montreal, mas eram casais que habitavam cada uma das casas ao mesmo tempo, juntos. (ADICHIE, 2017, p. 32)

O trecho acima retrata a adaptação a qual a família, em especial Nkem, foi submetida durante a mudança para os Estados Unidos. Agora, enquanto residentes em solo americano, alguns aspectos comportamentais vão se fundir ao modo de agir e pensar dessa família, baseados, obviamente, em suas vivências anteriores. Há, portanto, um estranhamento por parte dos novos vizinhos, com uma imposição dos seus modos de vida aos imigrantes recém-chegados.

Nkem, ao se mudar, foi recebida por “seus vizinhos, [...] todos brancos, esguios e loiros”⁸⁴ que “vieram se apresentar e perguntar se ela precisava de ajuda com alguma coisa – tirar a carteira de motorista, instalar uma linha de telefone, contratar serviços de manutenção”⁸⁵, isto é, rotina comum para eles, porém havia ali um sentimento de incapacidade e infantilização da mulher negra, com se a “sua condição de estrangeira a fizesse incapaz de resolver tudo sozinha”⁸⁶. Esse lugar de estrangeira do Sul Global assombra durante o conto ao tentar manter valores nigerianos em solo norte-americano.

Fortalecendo a questão de subordinação e omissão de culturas, diz Hall (2003, p.30): “As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas de forma subordinada, sob aquilo que Gellner⁸⁷ chama de ‘teto político’ do Estado-

⁸⁴ ADICHIE, 2017, p. 31.

⁸⁵ ADICHIE, 2017, p. 31.

⁸⁶ ADICHIE, 2017, p. 31.

⁸⁷ GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. São Paulo: Gradiva, 1997.

nação”, isto é, a cultura dos norte-americanos era sempre priorizada e considerada como superior. Entretanto, apesar de desejar que seus filhos fossem como os filhos deles, a protagonista não se sentia totalmente à vontade vivendo no seu novo lar, uma vez que constantemente se incomodava com a opinião dos vizinhos, revelando certa insatisfação com a incompletude de uma vida sem seu marido e sem sua casa na Nigéria.

Apesar de todos os atrativos dos Estados Unidos: "um país onde era possível dirigir à noite sem ter medo de bandidos armados, onde os restaurantes serviam para uma pessoa comida o suficiente para três"⁸⁸, Nkem relembra com nostalgia de sua cultura e país. Por mais que queira celebrar a vida no país estrangeiro que seu marido escolheu para a filha, a protagonista sente-se angustiada com a distância:

Nkem sente falta de seu país, de suas amigas, da cadência do *igbo*, do iorubá e do inglês pidgin sendo falado ao seu redor. E quando a neve cobre o hidrante amarelo na rua, ela sente falta do sol de Lagos, que ofusca os olhos mesmo quando chove (ADICHIE, 2017, p. 45).

A personagem tem saudades do seu cotidiano em Lagos e dos pequenos detalhes que fazem de lá sua casa. Essa relação é complexa, uma vez que os Estados Unidos também trazem suas vantagens: "Ela vai ao pilates duas vezes por semana com a vizinha; assa biscoitos para a escola dos filhos, e os seus são sempre os preferidos de todo mundo; espera que os bancos tenham caixas drive-ins. Os Estados Unidos a conquistaram, se enraizaram sob sua pele"⁸⁹. O estilo de vida americano traz muitos atrativos, os quais encantam Nkem. A liberdade de locomoção e a fartura de comida são os fatores que mais têm significado para Nkem e a incentivam a assimilar essa nova cultura. No entanto, nenhum desses valores se sobressai à imagem da terra natal.

A assimilação da nova cultura norte-americana, pela protagonista do conto, perpassa também pela tentativa de alegrar o marido, visto que ela tenta agradá-lo constantemente em suas atitudes. Apesar de ter uma forte ligação com sua cultura,

⁸⁸ ADICHIE, 2017, p. 45.

⁸⁹ ADICHIE, 2017, p. 45.

Nkem tenta adaptar ao estilo de vida americano para satisfazê-lo. Sua maternidade perpassa por esse apagamento cultural em prol do que pensa o marido:

Vidas que Obiora muitas vezes dizia serem 'de plástico'. Mas ela sabia que ele também queria que seus filhos fossem como os filhos dos vizinhos, o tipo de criança que virava a cara para a comida que tinha caído no chão, dizendo que ela estava 'suja' (ADICHIE, 2017, p. 31).

No trecho acima, é perceptível que Nkem percebe que a crítica de Obiora é supérflua, porque foi ele o responsável por levar a família para os Estados Unidos, para que seus filhos pudessem ser educados igual aos norte-americanos: com fartura e abundância. Sendo assim, a personagem exerce sua maternidade de acordo com os desejos de Obiora.

O relacionamento entre o casal é, de certa forma, marcado pelo apagamento da protagonista. O silêncio de Nkem pode ser percebido em diversas ocasiões no conto, como quando o marido decide comprar uma casa nos Estados Unidos: “Era um bom preço, disse Obiora, antes de contar que eles iam comprá-la. Nkem gostou quando falou ‘eles’, como se ela realmente tivesse participado da decisão”⁹⁰. Obiora é educado ao tratar a esposa e ao se dirigir a ela, mas quem toma as decisões é, indubitavelmente, ele. Outro exemplo é como se foi acordado que ela ficaria com as crianças no estrangeiro e ele retornaria a Lagos:

Eles nunca decidiram que ela ficaria com as crianças – Okey nasceu três anos após Adanna. Simplesmente aconteceu... Nkem nunca tinham imaginado seus filhos na escola, sentados ao lado de crianças brancas cujos pais eram donos de mansões em colinas solitárias, nunca tinha imaginado aquela vida. Por isso, não disse nada (ADICHIE, 2017, p. 34).

Percebemos, no trecho acima que, mais uma vez, Nkem se silencia, mesmo possuindo um ponto de vista diferente do seu marido. Dessa forma, o apagamento cultural é informado também pelo apagamento da identidade da protagonista.

Se anteriormente Nkem pensava que “quem passa tanto tempo aqui [Estados Unidos] acaba mudando, não fica igual ao povo de lá [Nigéria]”⁹¹, há, entretanto, uma mudança de olhar para a situação quando Nkem recebe o telefonema de uma amiga que lhe conta que Obiora tem uma namorada em Lagos. Imediatamente, a

⁹⁰ ADICHIE, 2017, p. 34.

⁹¹ ADICHIE, 2017, p. 36.

protagonista inicia um processo de reflexão sobre sua vida e, principalmente, sobre seu relacionamento com Obiora. Como um ato de transgressão, pega a tesoura e corta seu cabelo. Acostumada a usar relaxante e cabelo comprido, porque Obiara gosta de seu cabelo assim, sua decisão de cortar bem curtinho é um ato de coragem e ruptura com os desejos e as vontades do marido.

A suposta namorada de seu marido, como descreve a vizinha, “tem o cabelo curto e crespo; você sabe, com aqueles cachinhos bem pequenos. Não deve usar relaxante. Acho que deve ser um texturador. Ouvi dizer que agora os jovens gostam de texturadores”⁹². O cabelo curto e natural implica uma não conformidade com o apagamento cultural do cabelo crespo, uma aceitação e valorização de suas raízes. Jovens já não aceitam cegamente ordens de homens ou imposições culturais que agridem a própria identidade, logo percebemos uma tentativa de, simplesmente, parecer mais jovem, entretanto, sua transgressão de cortar o cabelo e assumir o seu cabelo natural será apenas o primeiro passo para exercer sua independência e identidade cultural, além da identidade como traço da subjetividade que a constitui. Diante das informações recebidas através da ligação com sua amiga Ijemaka, sua postura muda com relação a Obiora, fazendo com que ela reaja de maneira diferente quando recebe a ligação do marido:

“Você está doente? Está bem? Parece estranha.”

“Tudo bem.” Ela sabe que devia falar como foi o dia das crianças, pois em geral faz isso quando ele liga tarde demais para falar com elas. Mas sua língua parece inchada, pesada demais, embolando as palavras. (ADICHIE, 2017, p. 38)

Pela primeira vez, Nkem se depreende do que deveria fazer e respeita sua inquietude e vontade de dizer nada. Quando Obiara chega para visitar a família, como faz todo ano, ela também muda o seu ritual: “Nkem não depilou os pelos pubianos; não há uma faixa estreita entre suas pernas quando ela vai de carro até o aeroporto buscar Obiora”⁹³. A protagonista se depilava da forma que Obiara gosta. Dessa vez, ela decide não agir de acordo com o que o marido espera e deseja. Sua postura está diferente e sua família percebe: “Ela olha pelo retrovisor e vê Okey e Adanna em suas cadeirinhas no banco de trás. Eles estão quietos hoje, como se sentissem sua reserva,

⁹² ADICHIE, 2017, p. 29.

⁹³ ADICHIE, 2017, p. 45.

a ausência de riso em seu rosto. Nkem costumava rir com frequência ao dirigir até o aeroporto para buscar Obiora, abraçando-o, vendo-o abraçar as crianças"⁹⁴. A protagonista reflete sobre suas atitudes de antes, tão feliz em ver o marido. Agora, depois de descobrir que ele tem um caso em Lagos, ela começa a definir quem ela é e o seu papel como esposa. Inicia-se, assim, sua luta por uma identidade própria e voz dentro do relacionamento.

Pela primeira vez, em vez de querer ser vista e conquistar o marido, Nkem o observa: "A barriga de Obiora está diferente. Mais redonda, parecendo uma fruta madura"⁹⁵. O poder de observar agora está com Nkem que direciona seu olhar para onde quiser. Ela vê o marido em partes, vendo seu corpo do jeito que realmente é, sem romantização. Logo depois, Obiora a convida para tomar banho com ele e, a princípio, ela finge não ouvir. Depois aceita o convite e logo diz:

Nós temos que encontrar uma escola para Adanna e Okey em Lagos [...]

Obiora se vira para encará-la. "O quê?"

"Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar". Nkem fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma. (ADICHIE, 2017, p. 49).

De forma calma e decidida, Nkem decide que voltará para Lagos com seus filhos. Durante todo o relacionamento, dizia muito pouco e sempre concordando com Obiora. Nkem assume controle do relacionamento e expõe a sua vontade de retornar. Seu tom de voz e as palavras escolhidas demonstram que ela não está dialogando, mas praticamente informando-o, ironicamente como ele mesmo já o fizera tantas vezes no passado. O conto termina com a voz da protagonista: "Não é preciso conversar sobre mais nada, Nkem sabe. Está decidido." (ADICHIE, 2017, p. 49).

Durante todo o conto, Nkem relembra episódios de seu relacionamento com Obiora e sobre sua vida, buscando sentido para o que estava vivendo. No início, era sempre grata e obedecia cegamente o esposo, até ficando constrangida quando ele perguntava coisas. Ele era um dos membros do clube dos "Homens Nigerianos Ricos que Têm Casas nos Estados Unidos"⁹⁶, enquanto ela era de família humilde, sem muito estudo. A vivência nos Estados Unidos e suas experiências foram aos poucos

⁹⁴ ADICHIE, 2017, p. 45.

⁹⁵ ADICHIE, 2017, p. 48.

⁹⁶ ADICHIE, 2017, p. 34.

mudando Nkem. Vivendo sozinha com os filhos e sua secretária, percebe o quanto é forte e poderosa. Sua vivência no novo continente também está alinhada a uma assimilação cultural da independência da mulher com relação ao homem. Ela passa a se enxergar como igual a Obiara. Ademais, Nkem observa como as pessoas sonham nos Estados Unidos:

Lembrando do entregador da Ethan Interior que tocou a cúpula da luminária no outro dia. 'A senhora tem uma casa linda', dissera ele, com aquele curioso sorriso americano que significava que acreditava que ele, também, poderia ter algo parecido algum dia. Isso era uma das coisas que Nkem tinha aprendido a amar nos Estados Unidos, a abundância de esperanças absurdas" (ADICHIE, 2017, p.33).

Essas esperanças absurdas são o que torna sonhos possíveis, mesmo ela descartando-as como impossíveis. Ao viver em uma cultura diferente, exposta a concepções de mundos diferentes, Nkem aos poucos vê que ela também pode sonhar e lutar pelo o que ela quer. O ato de, simplesmente, comunicar a Obiara que a família voltará para Lagos demonstra que Nkem se permitiu sonhar uma nova configuração de relacionamento, no qual ela tem voz igual à do marido.

2.2 A transgressão de Chinaza

O segundo conto que nos propusemos a analisar conta a história de uma mulher chamada Chinaza, que saiu de sua cidade natal, em Lagos, na Nigéria, e foi morar nos Estados Unidos, pois teve o seu casamento arranjado pelos tios com um “médico” chamado Ofodile. Sem questionar a decisão por ser grata aos cuidados que recebeu dos tios, Chinaza aceita se casar por considerar ser “a única maneira de não ser chamada de ingrata”⁹⁷. Entretanto, para os tios de Chinaza, arranjar um casamento com “um médico [que mora] nos Estados Unidos” é como se tivessem “ganhado na loteria” para a sobrinha.

Narrado em primeira pessoa, conhecemos a perspectiva da protagonista Chinaza, a narradora-personagem que vivencia uma nova experiência em um país diferente do seu e tenta se encaixar nos moldes americanos. Durante toda a narrativa, vemos Ofodile, seu “novo marido”, que agora atende pelo nome de Dave, repreendendo a esposa por utilizar sua língua materna, o *igbo*, e insistentemente a

⁹⁷ ADICHIE, 2017, p. 183.

obriga a utilizar o inglês para se comunicar não somente com os demais, mas também com ele, dentro de seu próprio lar. Quanto à alteração de nome, Dave justifica que foi necessária a mudança não só do nome, como também de seu sobrenome, já que “os americanos têm dificuldade em dizer Udenwa”⁹⁸.

Fanon, em sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), discute a relação do negro com a linguagem, o que podemos relacionar facilmente com a situação apresentada no conto. De acordo com o autor, ao sair do seu país de origem para outro de cultura branca, a pessoa tenta se adequar a essa nova cultura, acreditando que, dessa forma, se igualará em termos de importância, como é o caso de Dave, que tenta, a todo custo, se aproximar da cultura americana para que não seja visto como diferente. Fanon (2008) afirma que “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem”⁹⁹ (FANON, 2008, p. 50), logo, vemos que o primeiro passo para assumir esse novo espaço é utilizar a linguagem do colonizador em detrimento de sua língua materna.

Antes mesmo de chegar em seu novo lar, Chinaza já vivencia situações de apagamento da sua cultura quando, ainda no aeroporto, a agente americana da alfândega remexeu sua bolsa com alimentos que ela havia trazido da Nigéria: “*egusi* moído, folhas de *enugbu* secas e sementes de *uziza*”¹⁰⁰, e as últimas foram confiscadas, segundo Chinaza, talvez porque a agente “teve medo de que eu fosse plantá-las em solo americano”, vendo, assim, a cultura que vem de fora como uma ameaça.

Logo que chega em sua nova casa, Chinaza é repreendida por dizer que o telefone “está em comunicação” ao ligar para os tios, sendo imediatamente corrigida por Dave, que informa que os americanos dizem “ocupado”, e não “em comunicação”. Já fica evidente, para o leitor, que o rapaz vivenciou anteriormente esse choque cultural quando chegou ao país e optou por se adequar à nova linguagem como forma de pertencer àquele novo lugar. Sendo assim, percebemos que ele não só se

⁹⁸ ADICHIE, 2017, p. 185.

⁹⁹ É importante ressaltar que, apesar de suas considerações serem direcionadas às Antilhas francesas, o autor adverte que também se aplicam a quaisquer etnias que passaram pelo processo de colonização.

¹⁰⁰ ADICHIE, 2017, p. 181.

acostuma com os novos hábitos, como também exige que sua esposa faça o mesmo, já que agora ela também está morando ali.

Em seguida, ao preparar o chá, por recomendação do marido, Chinaza, ao pedir leite em pó, como é de costume na cultura nigeriana, é convidada a fazê-lo apenas com água:

“Os americanos não fazem chá com leite e açúcar”
 “*Ezi okwu?* Você não toma chá com leite e açúcar?”
 “Não, eu **me acostumei** com o jeito daqui há muito tempo. Você **também vai se acostumar.**” (ADICHIE, 2017, 184, grifo nosso)

Perceba que já não é nem uma questão de ser ou não mais saboroso, mas sim de “se acostumar”, algo que Dave espera que Chinaza também faça: se acostume. E, conforme avançamos na leitura, suas intervenções são mais recorrentes, como quando a protagonista come suas panquecas moles, apesar de se lembrar que as que comia em sua casa na Nigéria eram muito mais suculentas. A questão da comida é algo que se apresenta em diversos momentos da narrativa, desde a escolha dos produtos no mercado, até na hora de comer uma simples pizza, que Dave apresenta como “uma das coisas dos Estados Unidos que [Chinaza] **tem que amar**”¹⁰¹. Como os americanos amam pizza, Dave quer que eles amem pizza também para se inserirem na cultura norte-americana.

Chinaza reclama que “os tomates não estão bem cozidos”, ao passo que Dave acha que na Nigéria as coisas são cozinhadas em excesso, fazendo com que a comida perca todos os nutrientes e, dessa forma, chega à conclusão que o jeito certo é o estadunidense, visto que é mais saudável. Chinaza apenas assente, apesar de claramente não concordar com o marido, pois, ao dar uma simples olhada ao redor, percebe os hábitos nada saudáveis dos americanos.

Quando recebem a visita da vizinha Shirley, além da protagonista ser repreendida pela forma que cumprimenta a moça (que deveria ser apenas “oi”, e não “você é bem-vinda”), Chinaza recebe elogios quanto ao cheiro da comida que preparava:

¹⁰¹ ADICHIE, 2017, p. 189, grifo nosso.

“Esse cheiro”, disse ela, com sua voz encatarrada. Está em tudo, no prédio inteiro. O que você está fazendo?

“Arroz de coco”, expliquei.

“É uma receita do seu país?”

“Sim.”

“O cheiro está muito bom. O problema daqui é que a gente não tem cultura, cultura nenhuma.” (ADICHIE, 2017, p. 192)

A vizinha aprecia o cheiro bom da comida preparada por Chinaza e ainda critica a cultura estadunidense. Algo que Dave não admite, mesmo gostando da comida nigeriana preparada por sua esposa. Apesar de seu marido estalar os lábios ao comer a deliciosa refeição preparada por Chinaza, “ele chegou no dia seguinte com um livro chamado *Receitas Americanas de uma boa dona de casa*”¹⁰², dizendo que não queria que eles ficassem conhecidos como “pessoas que espalham cheiro de **comida estrangeira** pelo prédio”¹⁰³, logo, Dave esperava que ela fizesse “uma ótima comida americana” com o livro de receitas que acabara de presenteá-la. O problema, portanto, não era os vizinhos sentirem o cheiro da comida, mas sim da “comida estrangeira”, sendo esse um pesadelo para Dave, que tentava, a todo custo, “esconder” suas raízes e omitir tudo aquilo que denunciava sua origem.

Percebemos, até o momento, que há um embate muito forte entre duas culturas distintas, sendo a cultura de Chinaza vista como inferior à cultura norte-americana. Sendo assim, mesmo Ofodile (Dave) sendo africano, por já viver nos Estados Unidos há 11 anos, o personagem renega sua cultura de origem e se apodera dos costumes estadunidenses. Tal diferença cultural, de acordo com Bhabha (2013, p. 69), é caracterizada pela soberania de uma determinada cultura sobre a outra. Nesse caso, a cultura norte-americana quer dominar a cultura africana, já que tudo que é relacionado ao homem branco é visto como o que é considerado hegemônico e superior e o que é relacionado ao homem negro é ruim e inferior. No conto adichiano, percebemos o marido insistente em tentar fazer sua esposa renegar sua cultura, entretanto, também vemos uma mulher que não está disposta a seguir os passos do marido, o que será uma importante peça para a construção da subjetividade da protagonista, uma vez que ela não se curva totalmente para os desejos do marido.

¹⁰² ADICHIE, 2017, p. 192.

¹⁰³ ADICHIE, 2017, p. 192, grifo nosso.

Essa visão de Dave é reforçada quando ele se refere aos demais imigrantes com desdém, como pessoas incapazes de alcançar sucesso e melhoria de vida por não terem se adequados aos moldes do país ianque:

Olhe para as pessoas que fazem compras aqui. São o tipo de pessoa que emigra e continuam a agir como se estivesse em seu próprio país”, disse ele indicando com desprezo uma mulher e os dois filhos, que estavam falando espanhol. “Eles nunca vão avançar se não se adaptarem aos Estados Unidos. A sina deles é continuar comprando em supermercado como este (ADICHIE, 2017, p. 188).

Tal situação vivenciada por Dave vai ao encontro do pensamento de Fanon (2008), que afirma que “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritude, seu mato, mais branco será” (2008, p. 34). Logo, percebemos que quanto mais Dave renuncia suas raízes e abandona sua cultura de origem, mais próximo ele está dos comportamentos e pensamentos norte-americanos, se tornando aqueles que veem os seus como subalternos e inferiores.

Não satisfeito em apagar seus traços culturais, Dave insiste em fazer sua esposa ir pelo mesmo caminho. Nesse sentido, a narrativa de Chimamanda retrata esse início do processo de adaptação da protagonista a partir das imposições do marido. Bhabha (2013, p. 65) diz que “o outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional”, o que se pode relacionar com essa vivência de Chinaza.

Embora a protagonista tenha sido rebatizada como Aghata Bell, optamos, nesta dissertação, em chamá-la apenas de Chinaza com o objetivo não compactuar com o apagamento sofrido pela personagem, que muda de nome e sobrenome para satisfazer as vontades do marido, que também passa pelo processo de assimilação (FANON, 2008).

Toda a narrativa sofre uma reviravolta com a aparição da personagem Nia, outra vizinha do novo casal. Logo no primeiro contato, podemos visualizar a dualidade entre liberdade *versus* prisão, na qual uma delas vivencia uma vida liberta, enquanto a outra é subalternizada. Entretanto, elas compartilham de uma mesma característica

que causa uma identificação imediata: ambas são negras. Nia é americana, e Chinaza é nigeriana.

Chinaza vê em Nia o seu extremo oposto, pois enquanto Chinaza mudou o nome para Aghata Bell a pedido de Dave, Nia, uma negra nascida na América, mudou seu nome aos 18 anos quando passou três anos na África, para um nome de sua escolha. E essa informação não passou despercebida para Chinaza: “Ela, uma negra americana, tinha escolhido um nome africano, enquanto meu marido me obrigava a trocar o meu por um nome inglês”¹⁰⁴. Isto é, enquanto Nia reforça e busca reafirmação da racialidade através da cultura dos seus, Chinaza se vê obrigada a apagar seus traços culturais.

Nia é descrita por Chinaza como “o tipo de mulher que a tia Ada não aprovaria” (p. 193), uma vez que ela vestia uma blusa transparente, deixando o sutiã à mostra e, por causa disso, e de seu batom laranja cintilante, ganharia o título de prostituta. Dave, mais tarde, alertaria a esposa afirmando que a vizinha seria uma má influência, orientando Chinaza a tomar cuidado.

É interessante perceber, neste ponto da narrativa, que a autora não se limitou a construir uma personagem fútil e “fácil”, já que Nia era uma mulher independente, empoderada e determinada, que demonstra dororidade¹⁰⁵ por sua nova amiga Chinaza. Oferecendo a ela um emprego, apoio e a possibilidade de Chinaza ser ela mesma.

Chinaza ficou empolgada com a oferta de emprego, que seria “a súbita nova ideia de ganhar algo meu”¹⁰⁶, já que era uma oportunidade de desenvolver sua autonomia, algo que não tivesse sido dado pelo seu marido. Entretanto, para conseguir um trabalho, precisaria também de um visto. Assim, a partir deste encontro, nos é revelado que para conseguir o *green card*, Dave se casou com uma americana, com a qual permanecia casado até o momento e estava sendo chantageado por ter se casado novamente sem pedir o divórcio:

A mulher americana com quem me casei para conseguir o green card está causando problemas”, disse, partindo devagar um pedaço de

¹⁰⁴ ADICHIE, 2017, p. 195.

¹⁰⁵ Termo cunhado por Vilma Piedade, que indica que a união das mulheres negras se dá pela Dor.

¹⁰⁶ ADICHIE, 2017, p. 195.

frango em dois, com a área dos olhos inchada. “Nosso divórcio estava quase finalizado, mas não completamente, quando eu me casei com você na Nigéria. Era só um detalhe, mas ela descobriu e agora está ameaçando me denunciar para o departamento de imigração. Quer mais dinheiro (ADICHIE, 2017, p. 196).

Chinaza demonstra insatisfação ao descobrir que o marido havia omitido essa informação e, ao confrontar Dave, ele diz que “não ia ter feito diferença”, pois os tios de Chinaza já haviam decidido por ela. Ao ser questionado sobre os motivos que o fizeram se casar com ela, ele disse que “queria uma esposa nigeriana”¹⁰⁷, e sua mãe afirmou que ela era uma “menina boa, tranquila”, e que “talvez até fosse virgem”¹⁰⁸. Em seguida, ironizou ao dizer que talvez devesse contar para mãe que ela estava enganada. Spivak (2010, p. 85) observa que “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”, assim como é perceptível no conto que, além de ter negado o seu direito à voz e à sua cultura, Chinaza sofre ainda com a dominação masculina.

Foi possível observar, no decorrer do conto, a criação do sentimento de deslocamento e o desconforto em ter que assumir uma identidade que não desejava, entretanto, eram os atos de resistência de Chinaza que a faziam suportar toda a tentativa de Dave em apagar seus traços culturais. A protagonista do conto tentava, insistentemente, se conectar às suas raízes, com o objetivo de manter sua cultura, seja cozinhando algo típico de seu país, seja falando língua quando estava sozinha: “ele não sabia que eu falava igbo sozinha enquanto cozinhava e que tinha ensinado Nia a dizer ‘estou com fome’ e ‘até amanhã’ em igbo”¹⁰⁹.

Após o longo diálogo a respeito do visto com a inesperada revelação sobre o casamento, a protagonista, gradativamente, fica enraivecida a cada fala de Dave, como no momento que ele dispara que ficou feliz ao ver a foto dela, pois Chinaza tinha a pele clara e que ele precisava “pensar na aparência dos meus filhos [já que] negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos”¹¹⁰. Tal revelação pode ser relacionada às considerações de Fanon (2008) sobre a relação do negro com o branco e com o próprio negro: “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto

¹⁰⁷ ADICHIE, 2017, p. 197.

¹⁰⁸ ADICHIE, 2017, p. 197.

¹⁰⁹ ADICHIE, 2017, p. 196.

¹¹⁰ ADICHIE, 2017, p. 197.

aquele que prega o ódio ao branco” (2000, p. 26). Desse modo, percebemos que Dave opta por se casar com Chinaza já pensando na cor de pele dos seus filhos, demonstrando que seu processo de assimilação da cultura norte-americana é também um processo de assimilação da sua própria raça. Por outro lado, é possível perceber um certo receio na fala de Dave, já que ele demonstra reconhecer que os negros de pele clara teriam mais oportunidades e, portanto, seus filhos não enfrentariam as mesmas dificuldades que ele. Assim como Dave, muitas pessoas negras acreditam que quanto mais parecidos com os responsáveis por sua colonização, isto é, o homem branco, maiores as chances de se conquistar algum tipo de prestígio.

Ao perceber que Dave já tinha todo um plano traçado para obter sucesso nas terras norte-americanas, Chinaza decide ir para a casa da amiga Nia, como um ato de resistência. Tal ato dialoga com os estudos de Mbembe (2001, p. 191) sobre a visão que o negro tem de si mesmo, uma vez que para “adquirir integralmente a sua própria subjetividade” é necessário “tornar-se consciente de si mesmo sem ter que prestar contas a ninguém”. Entretanto, a protagonista é alertada por Nia sobre sua condição atual, assim, ela orienta a amiga a primeiro esperar seu visto e somente depois ir embora. Ela também deu opções como “pedir ajuda ao governo até se ajeitar” e “arrumar um emprego, alugar um apartamento, se sustentar e começar do zero”¹¹¹. Assim, Chinaza percebe sua realidade, mas não desiste de sua decisão: “eu não podia ir embora **por enquanto**”¹¹², retornando ao apartamento de Dave na noite seguinte.

O conto se encerra com a personagem Chinaza tomando consciência de si mesma, ao perceber que no momento não há outra saída senão voltar para o apartamento do marido, já que tentar se estabilizar na cidade sem um visto de trabalho tornaria tudo mais complicado. Chinaza se cala, mas, aparentemente, esta será a última vez. Diante disso, a análise do conto “Os casamenteiros” evidencia como a diáspora e o apagamento cultural influenciam diretamente a subjetividade da Chinaza. A jornada da protagonista será construída através dos seus atos de resistência que romperam as inúmeras tentativas de silenciamento vivenciadas pela personagem.

¹¹¹ ADICHIE, 2017, p. 199.

¹¹² ADICHIE, 2017, p. 199 (grifo nosso).

2.3 A obstinação de Nwamgba e Afamefunu

No último conto, tanto da análise desta dissertação quanto do livro *No seu pescoço* (2017), Adichie evidencia as tensões culturais em território nigeriano, bem como discute as relações de poder entre colonizador e colonizado. No primeiro capítulo desta dissertação, nos debruçamos na análise sobre como a maternidade e as relações conjugais influenciaram na construção das protagonistas por uma subjetividade, visto que são esses atravessamentos que influenciam no nosso constituinte enquanto seres sociais. Nesta sessão, por sua vez, buscaremos perceber a representação do choque cultural entre o colonizador e o colonizado, bem como compreender como as protagonistas tiveram as suas subjetividades constituídas a partir da transformação cultural e da fragmentação identitária de um povo. Além disso, será importante perceber as diferenças religiosas e o papel da mulher nesse processo.

Apesar de Nwamgba não ter experienciado o deslocamento espacial, visto que permaneceu em seu país de origem, ela vivenciou o apagamento cultural, uma vez que, para lutar por suas terras, precisaria se render à língua do colonizador. Diante disso, cabe pontuar, com base nos estudos de Memmi (2007), como o colonizador costuma ser retratado nas narrativas:

um homem de grande estatura, bronzeado pelo sol, calçado com botinas, apoiado em uma pá” – pois ele gosta de pôr mãos à obra, fixando seu olhar ao longe no horizonte de suas terras; entre duas ações contra a natureza, ele se devota aos homens, cuida dos doentes e difunde a cultura, um nobre aventureiro, enfim, um pioneiro (MEMMI, 2007, p. 37).

O colonizado, por sua vez, receberá a representação de alguém preguiçoso: “qualquer que seja a função que assuma, qualquer que seja o zelo com a que ele se dedique, nunca será nada além de preguiçoso” (MEMMI, 2017, p. 119). A partir disso, uma visão degradante é criada a respeito do sujeito subalternizado, fazendo com que o colonizador seja representado como um ser superior em relação ao sujeito colonizado. Dessa maneira, “ao aceitar essa ideologia, as classes dominantes confirmam, de certa maneira, o papel que lhes foi atribuído” (MEMMI, 2007, p. 126). Importante ressaltar que só foi possível reconhecer a estrutura de colonização imposta à protagonista do conto devido ao fato de Nwamgba ter se utilizado da cultura e da língua do colonizador.

No conto “A historiadora obstinada”, é possível perceber as três gerações que são apresentadas no conto: a) a avó Nwamgba, que se mantém firme na negativa da cultura do colonizador; b) o filho Anikwenwa, que assume o nome de Michael, negando sua própria identidade; e c) a neta Grace, que toma consciência de seu lugar no mundo e se assume como Afamefunu, reconquistando sua cultura.

Apesar da contrariedade dos pais de Nwamgba, o amor entre ela e Obierika é muito forte. Assim, após inúmeros abortos espontâneos, nasce Anikwenwa, o primeiro e único filho do casal. Pouco tempo depois, morre o marido, deixando Nwamgba desamparada, no meio de uma disputa familiar pelas terras. Ela cogita até tirar a própria vida, mas se detém por conta do filho:

A morte de Obierika a deixou num desespero interminável. Ela pensou muito na mulher que, após a morte do décimo filho seguido fora ao quintal dos fundos e se enforcara numa árvore de cola. Mas decidiu que não faria isso, por causa de Anikwenwa (ADICHIE, 2017, p. 217).

Nessa perspectiva, Nwamgba encontra na maternidade a força para seguir lutando após a morte do marido. A protagonista se sente constantemente ameaçada pelos primos de Obierika, por quererem pegar a terra que o marido deixou para ela e o filho. Eles alegam que a herança seria deles: "os primos de Obierika, durante seu enterro, pegaram sua presa de marfim, alegando que os símbolos dos títulos passavam para os irmãos, não para os filhos"¹¹³. Nwamgba, por sua vez, não se deixa abalar e luta pelos seus direitos:

...os enfretou aos gritos e, quando eles a ignoraram, ela esperou até o anoitecer e caminhou ao redor do clã cantando uma canção sobre sua perversidade e sobre as abominações que traziam àquela terra ao roubar uma viúva, até que os anciãos da aldeia lhe pedissem que os deixasse em paz. Ela reclamou ao Conselho das Mulheres e, à noite, vinte delas foram até a casa de Okafo e Okoye, brandindo pilões e dizendo que deviam deixar Nwamgba em paz. Membros da mesma idade de Obierika disseram o mesmo (ADICHIE, 2017, p. 217).

A protagonista recorre a diversas instâncias para assegurar a herança sua e de seu filho. De pequenos a grandes atos de resistência, ela se recusa a sucumbir aos atentados dos primos de Obierika. É interessante observar que o *Conselho das*

¹¹³ ADICHIE, 2017, p. 217.

Mulheres reuniu a primeira grande manifestação a favor de Nwamgba, inspirando outros a seguirem e, assim, garantir as terras e as colheitas como pertencentes a Nwamgba. A solidariedade entre as mulheres as fortalece e, ao unirem-se, têm forças para assegurar seus direitos e lutar contra a marginalização de grupos minoritários. Entretanto, mesmo com o apoio da sua comunidade, Nwamgba sabe que os "primos gananciosos jamais parariam"¹¹⁴.

Por mais que tentasse, as chances de Nwamgba ser ouvida eram mínimas: por ser mulher; por ter sido acusada por Okafo e Okoye de ter roubado a virilidade de Obiora; por não ter os anciões ao seu lado. Se Nwamgba não era ouvida pelo seu próprio povo, tampouco seria ouvida pelos ingleses, já que seria vista como uma mulher não civilizada incapaz de falar a língua do colonizador. Dessa maneira, não havia um espaço sequer – além do *Conselho das mulheres* – em que Nwamgba pudesse se fazer ouvir. Vemos, portanto, se desenhar a questão da voz do subalterno no dilema da narrativa de Adichie (SPIVAK, 2010). Diante do impedimento de se apresentar à sociedade, foi necessário que o filho de Nwamgba, Anikwenwa, falasse por ela. Sendo assim, foi matriculado em uma escola de missionários católicos.

Segundo Spivak (2010), o sujeito subalternizado e colonizado é levado a utilizar a voz de outrem para reivindicar e ser ouvido, portanto, o filho acabou por ser a voz da mãe. Um ponto importantíssimo para a construção da narrativa diz respeito ao gênero, visto que o silenciamento de Nwamgba é devido ao fato da protagonista ser subalternizada, e também por ser mulher. O “simples” ato de “falar pela mãe” em um mundo no qual predominam as estruturas de dominação masculina reproduz as mesmas estruturas de poder que silenciavam Nwamgba. Apesar de seu filho Anikwenwa também ser considerado um sujeito subalternizado, por também ser africano e, portanto, colonizado, ainda assim a voz dele era ouvida, e não somente por falar inglês, mas principalmente pelo fato de ser homem. Isto é, ele sofre opressão de raça e também por ser africano, mas ele não sofre opressão de gênero, dessa forma, a voz dele é ouvida devido ao fato dele ocupar uma posição social de prestígio enquanto homem.

Sob este viés, a protagonista de Adichie é silenciada, já que “o subalterno como sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” (SPIVAK, 2010, p. 163), logo, além do

¹¹⁴ ADICHIE, 2017, p. 218.

silenciamento, ela ainda vivencia o jugo da dominação masculina, sofrendo uma dupla submissão. Assim, quando Anikwenwa passa a se chamar Michael e adota a cultura do colonizador, negando a cultura africana, esse também deixa de ouvir a mãe, lançando-a ainda mais na obscuridade:

Ele [Anikwenwa] passava muito tempo olhando a mesma coisa. Parou de comer a comida da mãe porque, segundo dizia, ela era um sacrifício a falsos ídolos. Disse a Nwamgba que ela devia amarrar a canga ao redor do peito em vez de ao redor da cintura, pois sua nudez era pecado. Ela olhou para Anikwenwa, achando graça daquela seriedade, mas ainda assim preocupada, e perguntou por que ele só notara sua nudez agora (ADICHIE, 2017, p. 225).

A “transformação” de Anikwenka em Michael é o ponto de partida do apagamento cultural de seu clã. Embora Nwamgba tente de inúmeras formas manter os costumes vivos, seu filho se distancia cada vez mais do seu povo, ao passo que se aproxima da cultura do colonizador. Ele se recusa a participar da cerimônia *imammuo*, se impondo contra as tradições do seu povo.

Diante de tal postura, é perceptível a negação de Michael diante da cultura da mãe, pois a visão que o colonizador tinha a respeito era de algo ruim, negativo, enquanto a deles era vista como algo positivo. Desse modo, podemos dizer que Michael sofre com o que Franz Fanon (2008) chama de psicopatologia da colonização, que é a adoção, subjetiva, dos negros colonizados, de atitudes dos brancos colonizadores. Contudo, se faz importante pontuar que esses processos são de natureza ideológica e, portanto, inconscientes. Sendo assim, a mudança de nome de Anikwenka é o primeiro passo para o apagamento da sua cultura. No batizado de Anikwenka, o padre disse que ele “teria que assumir um nome inglês, pois não era possível ser batizado com um nome pagão”¹¹⁵, mostra-se, assim, o começo de uma relação que confere a primazia de uma cultura sobre outra.

Na medida em que Michael cresce, é possível observar as sutis mudanças de comportamento, como quando ele passa também a utilizar as mesmas vestimentas do colonizador porque o padre Shanahan “deu ao menino uma camisa e um par de calções, pois o povo de Deus não andava por aí nu”¹¹⁶. É possível perceber o menino

¹¹⁵ ADICHIE, 2017, p. 225.

¹¹⁶ ADICHIE, 2017, p. 223.

que antes “não gostava dos calções e da camisa que o faziam suar [e] do tecido que dava coceira ao redor das axilas” mudar de postura em relação às roupas que vestia, recebendo olhares de admiração por parte de seu novo grupo. A questão da roupa passa a ser pauta também dentro de casa, quando Michael diz para mãe que ela “devia amarrar a canga ao redor do peito em vez de ao redor da cintura, pois sua nudez era pecado”¹¹⁷, como se tivesse notado a nudez da mãe pela primeira vez.

Outro passo importante no processo de colonização sofrido por Michael é quando ele passou a rejeitar o alimento de seus conterrâneos: “parou de comer a comida da mãe porque, segundo dizia, ela era um sacrifício a falsos ídolos”¹¹⁸. A negação da comida está diretamente relacionada à questão religiosa, sendo assim, a maneira como ele rejeita a comida faz com que percebamos como o colonizador descreve a crença do colonizado:

Quando chegou a hora de sua cerimônia *ima mmuo*, Anikwenwa disse que não ia participar, pois era um costume pagão iniciar os meninos no mundo dos espíritos, um costume que o padre Shanahan dissera que deveria acabar. Nwamgba puxou a orelha dele com força e disse-lhe que um albino estrangeiro não podia determinar quando seus costumes iriam mudar, e assim, até que o próprio clã decidisse que a iniciação iria parar de acontecer, ou ele participaria ou teria de escolher se era filho dela ou do homem branco (ADICHIE, 2017, p. 225).

Na completa transformação de Anikwenwa em Michael, foi possível observar a estratégia dos colonizadores, visto que eles entraram de forma pacífica nas terras do colonizado e impuseram sua religião, sua língua, seus costumes e sua cultura. E, apesar de estar ciente dessas imposições, Nwamgba nutria esperanças de que sua história não fosse apagada por completo.

Algum tempo depois, Michael se casa com Mgbeke (nome antes de virar cristã), e apesar de Nwamgba achar a cerimônia “estranhamente engraçada”, ela suportou “em silêncio e disse a si mesma que logo ia morrer e se unir a Obierika, libertando-se de um mundo que cada vez fazia menos sentido”¹¹⁹. Com o matrimônio, nasce a esperança de ser avó, pois assim conseguiria manter a sua tradição viva.

¹¹⁷ ADICHIE, 2017, p. 225.

¹¹⁸ ADICHIE, 2017, p. 225.

¹¹⁹ ADICHIE, 2017, p. 227.

Assim como a sogra, Mgbeke (agora Agnes) sofreu vários abortos até dar à luz a um menino, que foi batizado de Peter, mas é chamado de “Nnamdi” por sua avó, que acreditava que o espírito do falecido marido havia reencarnado no neto. Durante muito tempo, procurou resquícios de Obiora, sem sucesso, no seu neto homem, mas foi quando pegou sua neta no colo que ela “soube que era o espírito de Obiora que tinha voltado”¹²⁰. Michael dá aos filhos nomes cristãos: Peter e Grace, ao passo que a avó os batiza com nomes africanos: Nnamdi e Afamefuna, cujo significado do último é “meu nome não se perderá”, um ato de resistência da parte de Nwamgba, que evidencia seu receio de que acontecesse o mesmo que ocorreu com Michael. Assim, enquanto a protagonista busca manter vivas as tradições, o filho se afasta delas e, conseqüentemente, afasta também a geração seguinte.

Embora tenha recebido a mesma educação do pai, Afamefuna faz uso da escrita acadêmica como forma de registro histórico das narrativas dos sujeitos subalternizados do sul da Nigéria, realçando os espaços diversos reivindicados pela escrita feminina. Mais tarde, ela decide mudar seu nome de Grace para Afamefuna, assumindo, portanto, a sua identidade de origem e perpetuando a história de sua avó.

Entre dois mundos completamente opostos, Afamefuna começa a perceber as relações de poder que vêm do encontro entre esses mundos distintos:

Foi Grace quem leu sobre estes selvagens, intrigada pelos seus costumes curiosos e sem sentido, não os relacionando consigo própria até que a sua professora, a irmã Maureen, lhe dizer que não podia referir-se às cantigas ao desafio que a sua avó lhe tinha ensinado como poesia, porque as tribos primitivas não tinham poesia (ADICHIE, 2017, p. 229).

Nwamgba e Afamefuna são figuras que demonstram o potencial transgressor da ação feminina, marcando, ao mesmo tempo, a atuação da mulher em dois contextos díspares na Nigéria. Para destacar a importância da tomada de consciência da personagem, Adichie repete onze vezes a expressão “foi Grace”:

[...] **Foi Grace** quem começou a repensar tudo o que havia aprendido [...]. **Foi Grace** quem começou a repensar tudo o que seu pai havia aprendido [...]. **Foi Grace** quem, [...], começaria a ser assombrada pela imagem de uma aldeia destruída, e iria a Londres, Paris e Onicha, folheando pastas emboloradas em arquivos e reinventando as vidas e

¹²⁰ ADICHIE, 2017, p. 229.

os cheiros do mundo de sua avó para o livro que escreveria, intitulado *Pacificando com balas: uma história recuperada do sul da Nigéria*. [...] **Foi Grace** quem, quando recebia prêmios da universidade, quando discursava para plateias solenes em conferências sobre os povos *ijaw*, *ibibio*, *igbo* e *efik* do sul da Nigéria, quando escrevia relatórios para organizações internacionais sobre coisas que deviam ser óbvias para qualquer um que tivesse bom senso, mas pelas quais, mesmo assim, ela recebia remunerações generosas, imaginava sua avó observando tudo e rindo, muito divertida. **Foi Grace** quem, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, mas sentindo-se, sem saber explicar bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi a um cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome de Grace para Afamefuna (ADICHIE, 2017, p. 230-232).

Retomando a cultura dos ancestrais, Afamefuna resgata, ainda, o significado do nome escolhido pela avó: de que o nome não será perdido. Por meio de livros e palestras, a neta de Nwamgba “discursava para plateias solenes em conferências sobre os povos *ijaw*, *ibibio*, *igbo* e *efik* do sul da Nigéria”¹²¹ e leva a cultura de seu povo a ser conhecida. Spivak (2010, p. 165) afirma, sobre a voz do subalternizado, que “a mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio”. Sendo assim, Afamefuna assume a figura da “mulher intelectual”, apresentada por Spivak, fazendo com que a voz da avó e as tradições de seus ancestrais possam ser ouvidas.

¹²¹ ADICHIE, 2017, p. 232.

4. CONCLUSÃO

Nesta dissertação, analisamos os contos de Chimamanda Adichie “Réplica”, “No seu pescoço” e “A historiadora obstinada” do livro *No seu pescoço*, com foco em como as personagens femininas são afetadas por deslocamentos e apagamento cultural na Nigéria e nos Estados Unidos. Esta pesquisa se concentra nas vivências individuais das personagens femininas para compreender as especificidades de cada experiência e evitar essencialismos sobre a experiência das mulheres negras com diferentes tipos de deslocamentos. Nesse sentido, defendemos que as protagonistas constroem e desconstruem suas próprias subjetividades por meio da maternidade, do casamento e da amizade em um contexto diaspórico. Esses laços não são inerentemente bons ou ruins, mas, em sociedades patriarcais e sexistas, as personagens femininas precisam redefinir quem elas são em tais relacionamentos para lutar contra o silenciamento.

A intenção que norteou as discussões centrou-se na compreensão de como as protagonistas dos três contos “Réplica”, “No seu pescoço” e “A historiadora obstinada” são influenciadas por deslocamentos e apagamento cultural em Lagos e nos Estados Unidos. Concluímos que as personagens femininas constituem suas próprias subjetividades por meio da maternidade, do casamento e da amizade em um contexto diaspórico. A luta contra a vitimização perpassa pelo enfrentamento do silenciamento imposto a mulheres em uma sociedade patriarcal. Os três contos analisados apontaram para as ações das personagens que marcaram uma ruptura na ideia de lugares pré-estabelecidos e considerados imutáveis para o feminino negro.

Mata (2013) discute que, durante muito tempo, a literatura africana foi vista aos moldes de “formulações teóricas vigentes em modelos concebidos sob ‘outras urgências socioculturais’” (2013, p. 40), o que deixou uma lacuna expressiva pela insensibilidade no trato com as particularidades das demandas africanas. Ademais, a autora afirma que

a literatura traduz em imagens verbais tensões, conflitos e contradições no seio de uma comunidade existente ou em devir, e reflete, no plano estético, a luta de uma comunidade com o seu ambiente (MATA, 2012, p. 130).

Dessa maneira, Adichie, com o intuito de se desvencilhar das prerrogativas construídas a respeito da produção africana, assume as africanidades como ponto de partida para a construção das suas protagonistas, levando em consideração as subjetividades que as modelam. Contrariando todos os estereótipos das histórias narradas do ponto de vista do colonizador, Adichie (2019) nos mostra o ponto de vista do sujeito subalternizado, mais especificamente o ponto de vista da mulher negra subalternizada:

Histórias importam, muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias também são usadas para empoderar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo. Mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. [...] Quando nós rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso (ADICHIE, 2009)¹²².

Nessa perspectiva, os contos analisados nesta dissertação discutem temáticas importantes, que apontam para um realismo que pretende desenvolver o objeto de discussão das problemáticas sociais e culturais da Nigéria e dos Estados Unidos, ofuscando a história única contada sobre o continente africano.

No primeiro conto analisado, “Réplica”, foi possível perceber que a maternidade teve uma contribuição fundamental para delinear as subjetividades da protagonista Nkem, uma vez que seu ato de decidir voltar para a Nigéria era atravessado, principalmente, pela ausência paterna de Obiora. Além disso, o lugar de estrangeira, a qual a protagonista do conto pertencia, fez com que ela adotasse uma identidade que ora incorpora características estadunidenses, ora retoma aos seus antigos hábitos da cultura nigeriana. Assim, a personagem vai elaborando, ao longo da narrativa, uma identificação que não se restringe a uma ou outra localidade, mas sim a uma união entre elas.

Já no segundo conto, “Os Casamenteiros”, apesar de a maternidade não ter sido condutora central, contribuiu, significativamente, para a construção da

¹²² “Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess and to malign, but stories can also be used to empower and to humanize. Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity. [...] That when we reject the single story, when we realize that there is never a single story about any place, we regain a kind of paradise”. (Tradução nossa)

personagem, visto que grande parte das suas decisões tinham um enorme peso quando pensadas a partir do que Ada, sua tia, diria a respeito, como também fundamentada na criação que recebera dos tios, fazendo com que Chinaza (Aghata) desistisse, por enquanto, da ideia de abandonar o marido. Ademais, a análise também foi capaz de ilustrar como a protagonista do conto foi afetada diante do deslocamento e do apagamento cultural, mas resgatando o sentimento de esperança, ao final do conto, em romper os laços de submissão em busca da sua independência.

No terceiro e último conto desta análise, “A Historiadora Obstinada”, assistimos ao potencial transgressor de Nwamgba, que rompe os paradigmas sociais ao decidir criar sozinha seu filho Anikwenwa (Michael). Assim, ela optou por não ceder ao patriarcado, permanecendo viúva, sem intenção alguma de casar-se novamente. Sua neta Afamefuma, para quem se torna uma segunda mãe, também tem um papel importante no texto ao romper com os preceitos do catolicismo e ensinamentos de seu pai, para aproximar-se da avó e de sua herança cultural. Afamefuma busca uma transgressão ao abdicar da maternidade e desafia as estruturas de poder ao ir em busca de povos e culturas silenciados no embate com as forças imperialistas.

Em contexto contemporâneo diaspórico, Nkem, Chinaza, Nwamgba e Afamefuma lutam por uma subjetividade para além dos preceitos tradicionais impostos por uma cultura dominante patriarcal e comumente racista. A análise desenvolvida nessa dissertação problematiza como as protagonistas constroem e desconstruem suas próprias subjetividades por meio da maternidade, do casamento e da amizade em um contexto diaspórico. O deslocamento geográfico exerce grande influência no desenvolvimento das protagonistas, visto que a relação personagem/espço são elementos importantes que fazem parte de um texto narrativo, ligando-se fortemente às variações psicológicas das protagonistas. Nos três contos analisados, “Réplica”, “Os Casamenteiros” e “A Historiadora Obstinada”, Chimamanda Adichie nos convida a repensar a experiência da mulher negra como mãe, esposa, filha e neta para problematizar as formas de poder e opressão que se articulam na interseção gênero, raça e classe.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “Réplica”. In: _____. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 29-49.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “Os Casamenteiros”. In: _____. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 180-200.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “A historiadora obstinada”. In: _____. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 212-233.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Palestra proferida no TED Taks, Monterey (California), out. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 18 mar. 2020.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- ALVES, Ana Cláudia Oliveira. Neri; SOUZA, Elio Ferreira de. A escriturização de Chimamanda Ngozi Adichie em Americanah. In: *Cadernos Cajuína*, v. 3, n.2, 2018, p.85-94.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila,. Eliana Lourenço de Lima Reis, Belo Horizonte : Editora UFMG, 2013.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- COLLINS, Patricia Hill. Comentário sobre o artigo de Hekman “Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited”: Onde está o poder? *Signs*, v. 22, n. 2, p. 375-381, 1997 [Tradução de Juliana Borges]
- COULANGES, Fustel de. *La Cité antique*, Paris, Hachette, 1864, p. 525.

DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing and identity: migrations of the subject*. New York; London: Routledge, 1994.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Claudia. Mulher, Mãe e Pobre. In PRIORE, MERY. Dell (org). *História das Mulheres no Brasil*, 2ª ed. São Paulo: contexto, 1997, p. 511-531.

FONTES DE OLIVEIRA, Natalia. *Motherhood in Toni Morrison's Sula and A Mercy: rethinking (m)othering*. *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.3, 2015, p. 67-84.

HALL, Donald. *Subjectivity*. Editora: ROUTLEDGE, 2004.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende ...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.

HALL, Stuart. Que "NEGRO" é esse na cultura negra?. In: *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaide La Guardia Resende... [et al] 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOOKS, B. "*E eu não sou uma mulher?*": *Mulheres negras e feminismo*. Trad. Bhuvi Libanio. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Ana Luiza Libânio. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JOSEPH, Gloria. Black mothers and daughters: their roles and functions in American society. In: JOSEPH, Gloria; LEWIS, Jill (Ed.). *Common differences: conflicts in black and white feminist perspectives*. Boston: South End Press, 1981.

LIMA, Ana Nery Correia. *Mulheres militantes negras: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas*. 2017. Disponível em: <<https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2021.

MATA, Inocência. O crítico como escritor: limites e beligerâncias. In: MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Manaus: UEA Edições, 2013.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NOVELINO, Aída Maria. Maternidade: um perfil idealizado. *Cad. Pesq*, São Paulo, ed. Nº 65, 1988.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Editora Pólen, 2019.

RICH, Adrienne. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. 2nd ed. New York; London: W. W. Norton & Company, 1986.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: *A Escrita da História: Novas Perspectivas*/ Peter Burke (org.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1992. (p. 39-62).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WOERTMAN, Liesbeth. Mothering in context: Female subjectivities and intervening practices. In: *MENS-VERHULST*, Janneke van, SCHREUS, Karlein, WOERTMAN, Liesbeth. *Daughtering and mothering: Female subjectivity reanalysed*. New York; London: Routledge, 1993, capítulo 7, p. 57-61.